DANIEL WOLF

Juliette

Digital books

DANIEL WOLF

Juliette

Dois jovens, a paixão pela música, os encontros e desencontros e o amor de uma vida ! Este romance conta as aventuras vividas por Khaleb durante sua juventude e a rápida, intensa e conturbada relação com Juliette. Hoje, já adulto, o personagem principal revive estas lembranças juvenis e no final ...

"A história é bem escrita e dinâmica... O romance é realista, pois reflete a realidade de uma adolescente insegura, ainda imatura, não dona de sua vontade. Juliette continuou sofrendo e ele, Khaleb, amou." (Iza Maria - autora de "Quando Dois Olhares se Cruzam").

Digital books editora

Prólogo

O despertador tocou, mas não quis se levantar, afinal, faltava pelo menos duas horas para o paciente de Khaleb chegar em seu consultório. Enrolou um pouco mais na cama, até dar sete horas da manhã. Levantou-se e foi para o banho, aproveitando assim para escovar os dentes também. Desligou o chuveiro, saiu com o seu roupão e foi até o guarda roupas, escolheu uma cueca, uma blusa social e uma gravata diferente da qual estava habituado a usar em seu cotidiano. Vestiu-se, passou um desodorante e um perfume, colocou seu *notebook* dentro da mochila. Foi para a cozinha comer alguns biscoitos de maizena com geléia de morango e pegar seu copo de café para ir bebendo enquanto ia em direção ao seu consultório. Deu a partida, engatou a ré e começou a tirar o carro da garagem da sua casa. Apertou o controle do portão e ele começou a se abrir. Esperou que abrisse totalmente e saiu com o carro, apertando-o novamente para, desta vez, fechar. Seguiu viagem para mais um dia de trabalho.

Fazia algumas semanas que Khaleb se sentia estranho, aquela história do passado estava voltando em sua mente como um filme, talvez porque, naquele ano, a sua vida mudou para sempre. Poucos são os que sabiam de toda a verdade, afinal, as outras pessoas se perguntavam o porquê, olhavam-no de soslaio, ele raramente dava-se ao trabalho de explicar, pois julgava aquela época esquecida, salvo três semanas para cá, pois, em sua memória, surgiam *flashes*. Essa história não pode ser resumida em um parágrafo. Apesar de já

se passarem muitos anos, aqueles que conheceram Khaleb e que presenciaram tudo entendem o que realmente aconteceu.

Sem perceber, Khaleb acabou se deixando levar pelo espírito da nostalgia e pegou um rumo totalmente diferente do que estava habituado a fazer todas as manhãs. Estava andando pela rodovia BR-040 e passando em direção ao Cruzeiro Novo, estava nublado e cinzento. O tempo estava abafado, embora ele soubesse que era somente em questão de dias, ou horas, iria cair uma chuva e toda secura daria lugar a um gramado verde e um frescor tomaria conta de lá, fazendo de Brasília um dos lugares mais belos da Terra.

Parou o carro embaixo de uma árvore e fechou os olhos. Teve a sensação de o tempo estar voltando. Os subúrbios pareciam estar sendo substituídos por pequenas casas, as ruas daquele bairro se enchiam de gente tentando tomar um cafezinho na padaria Santo Antônio. No Shopping, para ser mais exato, no segundo andar, aquela livraria em que ele passava horas lendo e esperando dar a hora de ir para os pequenos *shows* que havia na cidade e, até mesmo, esperando por pessoas especiais.

Mais memórias vêm e Khaleb reconhece, ele está em frente à lanchonete do Shopping, quando vê seus colegas Rafael e Fernando ainda trabalhando por lá, sabe exatamente quem é. Hoje, com quarenta e três anos e terminando o ano de 2010, dia 23 de dezembro, véspera de véspera de natal, lembra que, um dia, esteve no ano de 1985 com dezoito anos.

Ficou naquele estado por mais um tempo, até ver que o tempo havia passado e o seu paciente estava próximo de chegar. Decidiu. Então voltar a seguir viagem.

Deu a hora do almoço e já estava indo em direção ao restaurante que sempre costuma almoçar. O tempo estava cinzento, as memórias surgiram novamente. Dias cinzentos sempre deixaram Khaleb assim. Definitivamente, ele estava num dia de nostalgia.

Ligou para um amigo de longa data e combinou que passaria na casa dele assim que terminasse de almoçar.

E assim foi, almoçou, terminou, pagou, foi para o carro e seguiu em direção ao Lago Norte.

Chegou em frente à casa dele e puxou o celular do bolso. Discou o número dele e ele atendeu.

— Alô!

— Fala, Harry! Abre a porta aqui pra mim?

— Está bem, me espere aí

Desligou o celular para, em questão de minutos, Harry aparecer no portão.

— Como vai, Khaleb?

Cumprimentaram-se e foram para o quarto dele.

Entrou no quarto dele e sentou no sofá que havia lá dentro. Harry ficou sentado na mesa do computador.

— Então, como anda a vida? — Harry perguntou.

— Boa, apesar de eu estar trabalhando bastante e não ter tido tempo para nada, estou bem.

Continuaram conversando, e Khaleb olhando para o céu. Sentia que, há qualquer momento, cairia uma chuva, pois o céu estava muito cinzento e carregado. A sensação de nostalgia tomou conta dele outra vez, e ele se lembrou daquela história.

— Harry, já aconteceu de você ficar lembrando constantemente da mesma coisa?

— Sim, por quê?

— Isso está acontecendo comigo. Tem algo que eu nunca contei tão a fundo a ninguém, eu carrego essa história comigo há anos.

Harry o olhou surpreso e perguntou:

— Mas o que houve de tão estranho?

— Bom, lembra-se daquele ano em que nos conhecemos?

— 1985, o ano que você se mudou para Brasília?

— É.

— O que tem?

Respirou fundo, como se estivesse chamando as memórias e começou:

— Naquele ano, a minha vida mudou para sempre... Sei que há pessoas que se perguntam o porquê quando digo isto. Olham-me de modo estranho, como se tentassem adivinhar o que poderia ter acontecido, embora raramente me dê ao trabalho de explicar, pois vivi aqui mais da metade da minha vida, não acho que tenha de me expor assim, a não ser da forma que eu achar melhor, e isso levariamais tempo do que a maioria das pessoas realmente teriam disposição para escutar. Com você, que já é um amigo de longa data, eu posso falar abertamente e sem censuras. A minha história não pode ser resumida em um parágrafo, não pode ser apresentada de modo que as pessoas compreendam de imediato. Apesar de já terem passado alguns anos, os que ainda vivem aqui e que me conheceram naquele ano aceitam e entenderão o meu silêncio. De qualquer jeito, a minha história é também a história deles, pois foi uma coisa pela qual todos passaram, porém, quem viveu na pele fui eu.

Tenho quarenta e três anos, sou médico cirurgião e já viajei praticamente pelo mundo inteiro, sou um homem espiritualizado desde os vinte e sete, fui casado duas vezes. Porém, às vezes sinto que o tempo não passou nada, e, às vezes, vejo o quanto eu mudei, mas ainda consigo me lembrar de tudo o que aconteceu, até aos mínimos detalhes. Lembro-me várias vezes, dando nitidez às memórias de novo, e percebo que, quando o faço, sinto sempre uma estranha combinação de tristeza e alegria. Há momentos em que sinto vontade de fazer com que os ponteiros do relógio retrocedam e que eu possa viver toda essa tristeza, que me trouxe muitos ensinamentos positivos, mas tenho a sensação de que, se o fizesse, desapareceria também a alegria. Assim, fico com as recordações à medida que aparecem esporadicamente em minha memória, aceitando todas, deixando que me guiem sempre que possível. Isto acontece com mais frequência do que eu gostaria de admitir.

Estamos quase no final do ano de 2010. Saio de casa e olho à minha volta. Está nublado e cinzento, mas, ao subir a colina próxima à minha casa, reparo que as árvores que meu pai plantou naquela época já estão florescendo. O tempo está fresco, embora saiba que, em apenas questão de horas, ou até mesmo minutos, o céu poderá ficar limpo e azul novamente, com uma temperatura agradável, característica que faz com que Brasília seja um dos lugares mais belos da Terra.

Fecho os olhos e os anos começam a retroceder como os ponteiros de um relógio rodando em sentido anti-horário. Como se estivesse vendo um filme de trás para frente, como se eu estivesse me vendo rejuvenescer alguns anos; vejo o cabelo mudar seu tamanho para mais, sinto meu cabelo no meio das costas, sinto os pêlos do meu corpo se tornarem mais ralos. As lições que fui aprendendo ao longo da vida vão desaparecendo, e a minha inocência me consome à medida que aquele ano agitado se aproxima.

Esta é a minha história, talvez você sorria, talvez você chore e, às vezes, nenhum dos dois. Preparado, então, caro Harry?

— Claro, agora eu estou curioso para saber o que aconteceu.

— É algo que eu nunca consegui contar a ninguém, mas agora não posso mais guardar esse segredo, eu preciso compartilhar, e você foi o escolhido. Então, deixe-me começar...

Segundo Prólogo

Era um dia como outro qualquer naquela família de classe alta do Leblon. Helena, a dona de casa, havia acordado relativamente cedo. Estava um silêncio na casa inteira, todos estavam dormindo. Na noite anterior, eles haviam saído, afinal, era uma sexta-feira. Apenas o filho mais velho não saíra com eles, preferindo a companhia de sua namorada... Namorada? Não sei como classificar a relação dos dois com precisão. Boatos me disseram uma coisa, mais boatos me disseram outra, às vezes não me disseram nada. A verdade é que esse garoto aparentava carregar um peso muito grande em suas costas. Eu, apesar de não ter tido a oportunidade de conhecê-lo, não soube precisar o que realmente estava acontecendo, somente quando relatos chegaram até mim, mas deixemos essa parte para outra hora.

O silêncio prevalecia naquela casa. Dona Helena foi preparar o café da manhã para seu esposo e seus dois filhos. Preparou o seu típico café de cafeteira, colocou o pão fresquinho que acabara de comprar na padaria à mesa, junto com o queijo e o presunto, seu esposo só comia isso de manhã. Deixou tudo pronto e esperou que acordassem. Seu esposo acordou primeiro, depois sua filha mais nova, faltando apenas o seu filho mais velho.

As horas foram passando e havia chegado a hora do almoço. Nada do filho mais velho levantar. Dona Helena resolveu bater à porta chamando o seu nome, sem obter resposta. “Deve ter bebido

muito ontem, vou deixá-lo dormir mais", pensou Dona Helena indo fazer outra coisa.

Mais horas foram passando e o quarto permanecia trancado. Nada fazia barulho vindo de lá de dentro, nem mesmo o ventilador que ele tanto usava. Preocupada, depois de bater à porta várias vezes de forma que ele já teria acordado e nenhum barulho fez, procurou pela chave reserva do quarto. Encontrou-a e abriu a porta, dando um grito desesperador assim que entrou no quarto. Seu grito atraiu os outros moradores da casa. Em menos de uma hora, quase o prédio inteiro estava dentro daquele apartamento. Mais tarde, foi a polícia que apareceu, logo em seguida, o corpo de bombeiros e, também, a equipe médica. O clima era de tensão. Dona Helena não conseguia sequer responder as arguições que o policial lhe fazia. Sua filha mais nova fez algumas ligações, provavelmente para comentar o ocorrido. Tentava ligar para uma pessoa em específico, mas não estava conseguindo, o telefone chamava, mas ninguém atendia, provavelmente já havia ido embora para a sua cidade, como comentara as últimas vezes que freqüentou aquela casa. Seu Francisco, esposo de Dona Helena, estava sentado no sofá da casa. Seu olhar estava vítreo e distante, parecia estar de corpo presente, mas sua mente, em outro planeta. Apático, não percebia nada do que estava acontecendo ao seu redor.

Ninguém sabia os motivos pelos quais aquilo havia acontecido, boatos surgiram, especulações sobre o caso, mas a pura verdade ficou sendo um mistério para todos os que moravam naquele prédio de frente para a praia. A notícia correu rapidamente, foi parar até no jornal local. Os moradores cochichavam, dentro do elevador só falava-se nisso, foi o assunto da semana nos botequins e quiosques que havia perto daquele prédio. Em menos de uma semana, aquele apartamento estava vazio, a família se mudou para Brasília, pois uma nova etapa da vida de todos começaria. Para eles, o passado iria ficar para trás.

Para melhor entendimento, teremos que voltar um pouco no tempo, que tal voltarmos cinco meses antes desse ocorrido?

O Encontro

Já era quase de manhã, quando Khaleb se levantou da cama com fome. Dirigiu-se à cozinha, pegou um pedaço de bolo para, logo em seguida, voltar a dormir.

Acordou lá pelas nove horas da manhã com seu pai batendo à porta e mandando-o acordar. Khaleb apertou o botão do telefone para ver se alguém havia deixado mensagem em sua secretária eletrônica. Havia apenas duas. Uma, era de seu amigo Bernardo, perguntando o seguinte:

— Khaleb, depois me passe o endereço completo da casa de *show* que você irá tocar hoje, eu me lembro de ter te ouvido falar, mas não consigo recordar. Acho que levarei minha namorada, você se importa com isso? Creio que não, então, até mais.

Naquela noite, Khaleb iria tocar com sua banda em uma casa de *shows* lá perto de Copacabana. Era um garoto que, desde criança, havia mostrado aptidão para música. Recebeu influências do seu pai, que tocava piano e guitarra. Aos seis anos, entrou para a aula de piano, onde aprendeu o básico para sua carreira de músico. Aos sete, resolveu dar um tempo, pois não sabia o que ele realmente queria fazer da vida. Apenas aos doze entrou para a aula de guitarra, onde estudou e se aprofundou no instrumento e na teoria musical. Khaleb estava no auge dos seus dezoito anos e sentia a necessidade de viver intensamente. Já havia tido várias namoradas,

mas nunca deu certo com nenhuma, fato este que, muitas vezes, o fazia ficar deprimido. Era o ano de 1985.

Após ouvir a mensagem de seu amigo Bernardo, Khaleb pegou sua guitarra, para se certificar se ela estava bem afinada e preparada para a noite. Vendo que estava, resolveu dar uma última passada no repertório. Tocou cada música e, por último, tocou a música que havia feito para a menina por quem ele estava apaixonado, afinal, esta era a mais importante.

Khaleb havia conhecido Laurie quando tinha dezesseis anos, em 1983. Não a conheceu exatamente, apenas um ano e meio depois ele conseguira trocar o primeiro "oi" com ela. Uma colega de turma dele o havia chamado para assistir a sua apresentação de *ballet* clássico, era uma adaptação da história do Mágico de Oz. Laurie fazia a personagem principal. Khaleb se encantou com a beleza da moça assim que bateu os olhos nela. Quando terminou a apresentação, Khaleb foi prestigiar sua amiga, mas aproveitou para ver Laurie de perto. Ela era muito mais linda, seu carisma e simpatia cativava qualquer um, e Khaleb foi se interessando por aquela desconhecida cada vez mais. Tiraram uma foto juntos: ele, sua colega e Laurie. Khaleb guardou a foto. Ao longo de dois anos, ele esteve à procura dela, só sabia que o nome dela era Laurie porque viu seu nome no *folder* da apresentação. Não sabia como chegar até ela. Tentou, por várias vezes, informações na academia, mas lá eles não forneciam dados das alunas. Sua amiga não a conhecia. Khaleb manteve essa paixão por uma desconhecida por dois anos, ficou curioso para saber sobre qualquer apresentação ou festa da academia com sua amiga, até que, no meio do ano de 1984, houve uma festa de comemoração dos dez anos de academia, e Khaleb fora convidado por sua colega. Aquela seria a melhor oportunidade para se aproximar de Laurie. Como era de se imaginar, ela também compareceu. Khaleb aproveitou a oportunidade e apresentou-se, foi se aproximando como quem não queria nada, e, como Khaleb sabia

cativar as pessoas, ele conseguiu o endereço e o telefone dela. Infelizmente, ela morava bem longe dele. Khaleb apaixonou-se por Laurie e tentou investir de todas as formas, mas ela parecia se esquivar sempre, alegando ter terminado recentemente uma relação longa e séria. Khaleb, depois de tanto investir, resolveu fazer uma música para ela, e, esta noite, ele pretendia declarar-se e pedi-la em namoro na frente de todo mundo ao terminar de tocar sua música.

Assim que terminou de passar as músicas, resolveu ligar para dois de seus amigos. Queria chamá-los para ir ao *show* dele. Pegou o telefone e discou para o primeiro.

— Alô, Renan? É o Khaleb, tudo bem?

— E aí, cara, beleza?

— Beleza, olha só, queria te chamar pra ir assistir meu *show* hoje lá em Copacabana, está a fim de ir?

— Humm, não sei se poderei ir. Eu já havia combinado de sair com uns amigos meus, acho que vai ter que ficar para a próxima.

— Poxa, tudo bem, então. Fica pra próxima.

— Falou aê.

— Falou.

Khaleb desligou o telefone e, logo em seguida, o pegou de volta para ligar para o outro amigo.

— Alô, quem é?

— Fred, sou eu, Khaleb, tudo bem?

— E aí, cara, como você está?

— Estou beleza, eu te liguei para te chamar para ir ao *show* da minha banda, está a fim de ir?

— Com certeza, claro que vou, é só me passar o endereço.

— Fica lá em Copacabana, naquela casa de *shows* Metrópolis.

— Tranquilo, me busca aqui em casa na hora que estiver saindo.

— Está certo.

— Até mais.

Khaleb estava eufórico para o *show*. Chamava todo mundo para ir assisti-lo. Era a primeira vez que subiria em cima de um palco, estava por demais feliz, sentia que seus planos com a música iriam para frente desta vez. Resolveu dar uma cochilada para ver se o tempo passava mais rápido.

Eram quase cinco horas da tarde quando Khaleb acordou. Foi direto para o banho, mas, antes, colocou um som de fundo, algumas músicas do *Metallica* para tocar enquanto tomava banho. Ele se ensaboava e se sentia envolvido com a música, até cantava junto, simulava estar no palco tocando sua guitarra. Em seguida, se enxaguava. Pegou seus xampus e começou a lavar os seus enormes cabelos. Em menos de cinco minutos, já estava de banho tomado. Colocou mais algumas músicas do *Whitesnake* para ouvir e começou a vestir sua roupa. Uma bota, uma calça *jeans* normal e uma blusa com a figura do Eddie, o mascote do *Iron Maiden*. Pegou sua guitarra, seu pedal para dar um som distorcido, e entrou no carro. Lá estavam, seu pai e sua avó apenas o esperando. No outro carro, havia a mãe e a irmã de Khaleb.

Durante a viagem, Khaleb pensava: “Meu Deus, é hoje que eu darei o meu primeiro *show* com a banda. Depois dessa, é só correr para o abraço. Nós vamos estourar nas paradas de sucesso”.

O pai de Khaleb passou na casa do seu amigo Fred para pegá-lo, para que assistisse ao *show* junto com eles. Parou na casa dele, tocou o interfone e perguntou.

— Alô? Você pode pedir para o Frederico vir rápido? Porque estamos com pressa.

Mais ou menos dois minutos depois, o Frederico aparece no térreo do prédio.

— E aí, cara, beleza? Vamos rápido porque estamos apressados.

Frederico entrou no carro e foram em direção à Metrópolis.

Demoraram mais ou menos meia hora para chegar até a casa de *show*. Lá, foram ao encontro de muitos dos seus amigos que foram prestar homenagens à banda que estava iniciando sua carreira. Encontrou o Glauco, o Vinícius, o Hugo e o Guilherme, seus companheiros de banda. Todos estavam esperando por Khaleb, para fazerem a sincronização dos instrumentos.

Terminada a sincronização, deixaram os instrumentos dentro do camarim e saíram. Ficaram conversando do lado de fora e, então, resolveram tomar uma cerveja no bar que havia ali perto, pois ainda tinham umas três bandas na frente deles.

Sentaram no bar e ficaram conversando sobre os mais variados assuntos. Em sua maioria, assuntos sobre *rock*, música, *show*s, banda e derivados. Um deles fez o seguinte comentário:

— Aí, Khaleb, depois de hoje você vai virar o nosso grande *rock star*.

Todos caíram na gargalhada e continuaram conversando, tomando a deliciosa cerveja.

— Pessoal, se me dão licença, preciso ir até ali para resolver uns problemas — avisou Khaleb ao pessoal e, logo em seguida, retirou-se.

Khaleb foi em direção a um orelhão, pegou uma ficha e ligou para Laurie. Ela atendeu.

— Alô?

— Laurie, você não vem assistir ao meu *show*, não?

— Oh meu querido, me desculpe, pintou um imprevisto aqui e eu não poderei ir, fica para a próxima.

— Puxa Laurie, queria muito que você viesse, você era a pessoa que não podia faltar. Sabe por quê?

— Por quê?

— Porque eu fiz uma música para você, queria que ouvisse.

A menina ficou sem palavras:

— Nossa Khaleb, para mim? Eu não sei nem o que dizer, ah, eu lamento muito, grave pra mim e me mande depois.

— Está bem, apesar de não ser a mesma coisa, eu vou gravar e qualquer dia passo na sua casa para te mostrar, pode ser?

— Pode, vem essa semana, a gente conversa melhor.

— Está bem, beijos.

— Tchau.

Khaleb ficou triste por ela não poder ir ver a surpresa que ele havia planejado, mas decidiu que iria gravar.

Saindo do orelhão, foi se dirigindo até a bilheteria para averiguar quantos ingressos havia para vender e deixar mais alguns. Dirigiu-se ao homem que ficava do outro lado da bilheteria:

— Moço, queria deixar mais cem ingressos para vender, mais pessoas chegarão.

O homem os pegou e Khaleb foi se afastando. Quando virou-se, encontrou seu amigo Bernardo acompanhado de sua namorada.

— Fala, Bernardo, como você está, cara? Khaleb estava visivelmente eufórico e transmitia sua euforia para todos.

— Estou bem, eu acabei me lembrando de última hora o nome da casa de *show*, procurei no catálogo telefônico e consegui encontrar o endereço.

Khaleb olhou para a moça que o acompanhava e Bernardo o interrompeu:

— Ah, sim, esta é a minha namorada, Juliette.

— Olá, Juliette, muito prazer.

— Muito prazer. — Juliette o cumprimentou com dois beijos no rosto.

Os três ficaram conversando animadamente. Khaleb sentia uma sensação estranha percorrendo o seu corpo. Quando Bernardo apresentou Juliette a ele, sentiu um calafrio percorrendo a sua espinha de baixo para cima. Aquele rosto lhe era familiar, ele conhecia aqueles cabelos encaracolados, longos e pretos, aquela pele exageradamente branca. Só não sabia dizer de quando e de onde. Tentou buscar em sua memória todos os momentos de sua vida. Procurou no jardim de infância, nas suas primeiras séries, nas festas que frequentava quando era mais jovem, mas não conseguiu precisar de onde aquele rosto lhe era familiar.

Lembrando-se de que seus amigos o esperavam no bar, ele se retirou:

— Bom, eu preciso voltar ao bar, o pessoal está me esperando por lá. — disse Khaleb.

Bernardo respondeu:

— Tudo bem, eu vou entrando e procurarei uma mesa lá dentro mesmo, vou assistir as bandas tocarem.

Khaleb despediu-se dos dois e voltou ao bar, pois seus amigos e sua banda o esperavam. Voltaram a tomar uma cerveja esperando a hora de se apresentar. Todos estavam bebendo e se divertindo, contando piadas e gargalhando muito, mas Khaleb não. Ele realmente ficou intrigado com o que acontecera minutos antes de retornar ao bar. Aquela namorada do Bernardo não saía da cabeça dele. Khaleb se perguntava de onde a conhecia. Não encontrava uma razão certa para essa sensação que tem o nome de *déjà vu*.

Depois de beber e se divertir bastante, a banda se dirigiu ao camarim, pois havia chegado a tão esperada hora. A próxima banda era a de Khaleb. Subiram ao palco, estavam passando o som. Conectaram os cabos de seus respectivos instrumentos. Khaleb não mais se lembrava daquele ocorrido que o perturbara e conseguiu tocar em paz.

E assim foi o *show*: várias músicas próprias, algumas músicas de outras bandas. Durou, no máximo, quarenta minutos. Tocaram *Iron Maiden*, *Metallica*, *Accept*, *Led Zeppelin*, e alguns outros clássicos que estavam estourando nas paradas de sucesso. Para finalizar, tocaram a música de Laurie, mas, antes de começar, Khaleb certificou-se de que estavam gravando, e disse:

— Boa noite, para terminar, eu queria dedicar essa música para uma pessoa que infelizmente não está aqui.

Anunciou e começou a tocar.

Terminada a apresentação, todos os conhecidos e amigos foram ao seu encontro para prestigiar os integrantes da banda. Receberam elogios, ouviram que têm talento, comentários instigantes a continuar na carreira de músico. Bernardo e Juliette foram falar com Khaleb.

— Parabéns, foi muito linda sua apresentação. — falou Juliette com ar de empolgada.

— Nossa, obrigado, fico muito feliz de saber que você gostou. Nos conhecemos hoje, mas gostei de você, precisamos de pessoas animadas.

Depois disso, todos foram embora, permaneceram apenas Khaleb, Bernardo e Juliette. Os três ficaram conversando e contando um sobre a vida do outro. Juliette e Khaleb conheciam-se cada vez mais, conversavam como se fossem velhos amigos, como se conhecessem já de longa data.

As horas foram passando e deu a hora de Khaleb ir embora. Mas, antes, ele pegou o telefone dela e ficou de ligar para ela no dia seguinte. O pai de Khaleb passou no local do *show* para buscá-lo. Despediu-se de Bernardo, de sua nova amiga e entrou no carro.

Chegou a sua casa. Khaleb deixou sua guitarra encostada na parede e foi tomar uma ducha. Assim que saiu do banho, era quase meia noite. Khaleb deitou-se na cama e dormiu.

No dia seguinte, após tomar seu café da manhã, Khaleb pegou o telefone e ligou para Juliette.

— Alô, Juliette?

— Oi!

— Ainda lembra-se de mim?

— Sim, claro, o moço gentil que me ajudou a acabar com a melhor bolacha do mundo e que tocou muito bem. Claro que me lembro de você.

— E aí, o que fizeram depois que eu fui embora?

— Acredite, foi só colocar o pé para fora que minha mãe apareceu... E você, está melhor?

— Ah, estou ótimo, nem me lembro o que eu sonhei. — gracejou Khaleb.

Khaleb e Juliette ficaram conversando como se fossem velhos amigos.

— E aí, vai fazer o que hoje?

— Sabe que não sei... Acho que vou dar uma olhada na beira da praia, e você?

— Ah, vou ficar em casa mesmo. Queria ver o Bernardo, mas acho que não vai dar, mas tudo bem, daqui a dois dias irei viajar. Vou ficar quase um mês fora do Rio de Janeiro, isso é ótimo. Podemos nos encontrar agora mesmo, o que você acha?

— Pode ser, mora aqui no Leblon mesmo?

— Moro sim. A gente se encontra na praia, pode ser?

— Pode sim, claro.

Ficaram conversando um pouco mais e desligaram. Marcaram um encontro no calçadão da praia. Khaleb foi logo se arrumar, colocou uma sunga e um short de banho. Avisou aos seus pais que iria ficar na praia, fechou a porta do apartamento e pegou o elevador para descer. Chegou ao térreo, saiu pela portaria indo ao encontro do calçadão que antecede a praia. Ficou esperando por um

tempo Juliette chegar e, finalmente, ela chegou. Khaleb a cumprimentou com um sorriso de orelha a orelha.

— Olá, senhorita Juliette.

— Olá, senhor Khaleb.

Como era de costume dela, ela mal falara com ele e já fizera o seguinte comentário:

— Eu preciso sumir do Rio de Janeiro por uns tempos, isso está me deixando nervosa.

— Por quê?

— Estão me estressando esses relacionamentos, amizades, tudo está me deixando nervosa.

— Tem haver com o Bernardo?

— De certa forma.

— Mas por quê? Não está satisfeita com ele?

— Estou, mas todo mundo tem suas crises e eu tenho as minhas. Eu o amo, tudo bem, mas, sabe, eu lutei tanto para ficar com ele, você não tem noção de como.

Passou um homem vendendo coco por três cruzeiros, os dois amigos compraram um para cada. Khaleb e Juliette ficaram conversando sentados em um banco e tomando água de coco. Juliette falava de seus casos amorosos, de tanto que havia lutado para conseguir Bernardo, e Khaleb contava seus casos também. Eles passaram praticamente a tarde toda juntos, até a Juliette sentir saudades de Bernardo:

— Khaleb, eu acho que vou para casa, ligar para o Bernardo. Estou ficando com saudades dele.

— Tudo bem, então, se quiser, depois, volte aqui e conversaremos mais.

— Está bem, gostei da nossa conversa de hoje.

— Igualmente

Despediram-se com um pequeno beijo no rosto. Khaleb voltou para sua casa e Juliette foi ligar para o namorado.

Assim que chegou a sua casa, Khaleb foi pro seu quarto, deitou-se na cama e colocou seu LP do *AC/DC* para tocar. Só foi interrompido ao ouvir as batidas de sua mãe à porta

— Filho, se arrume porque vamos à casa da sua avó.

— O que vai ter lá?

— Uma festa, sua avó adora dar festas.

Khaleb colocou apenas um *short* e uma camiseta e prendeu o cabelo. Estavam todos esperando por ele à porta. Em questão de minutos, estavam todos na garagem dentro do carro indo em direção à Ipanema, onde morava a avó de Khaleb.

Chegando lá, foram bem recebidos. Estava praticamente toda a família reunida.

— Fala, primo, quanto tempo! Fiquei sabendo que sua banda deu um *show* ontem. — comentou com ele seu primo Gustavo.

— Pois é, eu ia até te chamar, mas não sabia o teu telefone, fica para uma próxima ocasião.

— Está certo, mas como andam os ensaios, os *shows*, já estão planejando gravar algum disco?

— Ah, com certeza, a gente está levando para o caminho profissional mesmo, nada de bandinha meia-boca não.

Os dois primos riram e continuaram conversando. Gustavo chamou Khaleb para beber um vinho na casa dele qualquer dia. Contou também que havia comprado uma fita do *The Doors* no camelô.

— Puxa, *The Doors* é muito bom, é uma pena o Jim Morrison ter morrido, não é? — comentou Khaleb.

— Nem me fale, o cara era muito louco, falando nisso, vou até colocar a fita para a gente ouvir.

Foi até o aparelho de som e colocou a fita. Ficaram ouvindo a música *Light MyFire*, até que seu outro primo, Gabriel, o chamou para ir à praia. Khaleb preferiu ir depois do almoço, então, os três primos ficaram conversando animadamente.

Khaleb matou a saudade de todos e de todas. Conversou com seus primos, contou todas as novidades e como fora o *show* do dia anterior. Comeram, depois foram à praia, entraram no mar, ficaram olhando as mulheres de biquíni até não aguentarem mais.

Já eram mais de seis horas da tarde quando Khaleb e sua família se despediram de todos e voltaram para o apartamento no Leblon. Ao chegar no prédio, Khaleb preferiu ir ao quiosque que havia perto de sua casa para tomar uma água de coco e comer uma porção de batatas fritas. Foi em direção a uma mesa e chamou o garçom. Pediu uma água de coco e uma porção pequena de batatas fritas. O garçom trouxe depois de alguns minutos a sua batata frita e sua água.

Khaleb estava comendo quando, de repente, teve uma surpresa.

— Olá.

Era Juliette.

— Olá, sente-se aqui comigo, estou sentindo que você não está bem, o que houve?

Khaleb a convidou para sentar junto dele. Ele notara certo toque de tristeza nos olhos da menina, mas, antes de receber a resposta, ela disse:

— Dia triste o de hoje, não acha?

— Não, o meu foi ótimo, mas por quê?

— O meu foi de mal a pior, estava ruim e piorou ainda mais.

— Por quê?

— Terminei com o Bernardo.

— Nossa, mas o que aconteceu?

— Ah, tivemos uma briga, para variar, mas essa foi feia, então, ele resolveu terminar.

— Poxa, eu sinto muito.

— Eu dei meu tempo e paciência nesse relacionamento. Tive de aprender a lidar com o Bernardo, tudo pelo amor que eu sentia por ele. Mas agora acabou, tudo porque ele ainda gosta da Laura.

Khaleb ficou tentando consolar Juliette, que, cada vez mais, mostrava-se deprimida pelo fim de seu namoro. Ficaram conversando por horas a fio, até Juliette resolver ir embora.

— Moço, eu vou embora, estou acabada, nos conhecemos há menos de dois dias e você já me ajudou bastante, me ouviu, o que é muito legal da sua parte. Muito obrigada.

Khaleb tentou falar mais alguma coisa com Juliette, porém, ela havia saído às pressas, pois sentiu que ia começar a chorar e não queria que ele a visse assim. Ele sentiu que devia ter feito algo por

ela, portanto, subiu correndo para o seu apartamento, pegou o telefone e ligou para ela, mas havia caído na secretária eletrônica. Ele resolveu deixar uma mensagem.

— Juliette, você saiu tão de repente e não me esperou falar, mas falarei por aqui. Saiba que com qualquer coisa você poderá contar comigo, e eu me sinto muito gratificado em poder te ajudar, contudo, tem um *porém*: Eu não gostaria de vê-la triste, pois sei como é isso e é horrível. Eu me simpatizei muito com você quando te conheci e não gostaria de vê-la sofrendo desse jeito. Vê se melhora, viu, menina linda? Beijos e durma bem.

Khaleb desligou o telefone e foi preparar-se para dormir. Tomou uma ducha de alguns minutos e ficou meditando sobre o que havia acontecido. Sentia que essa garota que apareceu em sua vida se tornaria especial. No primeiro momento em que a viu, sentiu um afeto muito grande por ela. Não gostaria que nada de ruim lhe acontecesse.

Mexeu-se na cama por mais algum tempo e pegou no sono.

Tentativa Frustrada

O despertador tocou às seis horas da manhã em ponto, o horário que Khaleb sempre acordava para ir para o colégio. Naquelas férias, o colégio havia oferecido colônia de férias e Khaleb se inscreveu para não ficar parado em casa durante todo o mês de janeiro. De qualquer forma, aquela era a última semana. Era uma feira com vários cursos, como fotografia, *ballet* clássico, algumas apresentações artísticas, entre várias atrações. Ele levantou correndo e foi direto para o banheiro tomar banho. Deixou a água cair pelo seu corpo enquanto tomava coragem para mudar a temperatura do chuveiro para gelado e poder lavar o cabelo. Passado certo tempo, encarou a água fria e lavou o cabelo. Saiu do banho enrolado na toalha, abriu a porta do armário e pegou uma calça *jeans* e uma blusa vermelha, pois não precisaria ir de uniforme. Depois de estar arrumado, foi para a cozinha e pegou um pedaço de pizza que sua mãe havia feito. Entrou no carro e foi em direção ao colégio.

As aulas prosseguiram naturalmente como todos os outros dias. O assunto desta vez era sobre o *show* que aconteceu no fim de semana. Khalebfoi ,mais uma vez, homenageado e, mais uma vez, ouviu que a banda tinha futuro. Como era de costume, Khaleb e seus amigos do colégio dificilmente prestavam atenção na aula, preferiam ficar bagunçando e jogando conversa fora.

O dia se passou normalmente, como todos os outros da rotina de Khaleb. Durante a manhã, ele ia ao colégio assistir as aulas da colônia de férias. Durante a tarde, fazia aulas de reforço e, durante a noite, voltava para casa.

Khaleb estava voltando para casa à noite e a pé. Caminhava quase meia hora para chegar em casa com sua mochila pesada. Estava entrando pela sua portaria, quando de repente levou um susto.

— Khaleb!

Era Juliette, foi fazer uma visita a ele.

— Oi Ju, como vai?

— Vou bem, e obrigada pela mensagem na secretária.

— Já está melhor?

— Estou sim, a sua mensagem me fez dormir muito bem.

— Poxa, bom saber disso. Ah, o vídeo do *show* está lá em casa, está a fim de subir?

— Humm... pode ser.

Os dois entraram no elevador, chegaram até o sétimo andar e entraram na casa de Khaleb. A mãe dele olhou para Juliette e pensou que eles fossem namorados, entretanto, antes de ela perguntar, Khaleb a apresentou.

— Ah, mãe, essa aqui é minha amiga Juliette.

As duas se cumprimentaram e Khaleb foi até o vídeo. Os dois ficaram assistindo, fizeram até pipoca e suco. Assistiram ao vídeo, lancharam, ouviram *rock* e nem viram a hora passar. Juliette começou a achar que estava tarde e preferiu voltar para casa. Khaleb a levou até o térreo, mas ela viu que ainda estava muito cedo e, então, ficaram conversando no *hall* do prédio. Falaram sobre os mais variados assuntos e foram se conhecendo ainda mais. Khaleb estava muito feliz por ter conhecido uma pessoa como Juliette, alto astral, empolgada, cheia de energia vital, típica de seus inocentes dezesseis

anos e sem contar que, mesmo sem ainda perceber, sentia uma grande atração por ela.

Continuaram conversando até Juliette ter que despedir-se dele.

— Khaleb, preciso ir agora. Olha, adorei ter conhecido você, mas acho que vamos nos ver apenas no final de janeiro, pois irei viajar para Curitiba amanhã.

Khaleb realmente lamentou por isso:

— Ah, vou ficar com muitas saudades das nossas conversas, mas tudo bem, nos veremos, então, de novo, no final de janeiro.

Despediram-se com um beijo no rosto e um demorado abraço.

— Tome, pegue o número do meu telefone de Curitiba.

Puxou uma pequena folha de papel e anotou. Deu-a para Khaleb e foi embora.

Juliette saiu do prédio de Khaleb e, de longe, acenou para ele. Khaleb voltou para o seu apartamento, para preparar-se para o dia seguinte.

Em seu quarto, Khaleb assistia à televisão. Passava a novela *Corpo a Corpo*. Khaleb, apesar de não gostar de novelas, ficou assistindo, afinal, não estava com ânimo de tocar guitarra nem de ouvir música. Trocou de canal e colocou em um filme de ficção científica. Ficou entretido com o filme até sentir sono. Foi tomar um banho e escovar os dentes.

Depois de tomado o banho, pensou em telefonar para Juliette mais uma vez, mas achou melhor não ligar. Precisava se conter, e, além do mais, ela viajaria cedo no dia seguinte. Preferiu não fazê-lo, ela tinha o telefone dele e ele pegou o dela de Curitiba.

Deitou-se e dormiu.

No meio da semana, editou o vídeo da música e gravou em uma fita cassete. Terminado, foi para a casa de Laurie, pegou dois ônibus para chegar. Ela o recebeu muito bem e o convidou para entrar.

Ambos sentaram no sofá, Laurie pegou a fita e colocou-a no videocassete para assistirem. A cada frase, a cada melodia, Khaleb olhava pelo canto do olho se a menina esboçava alguma reação que demonstrasse estar gostando daquilo. Terminada a fita, Laurie virou-se para Khaleb e disse:

— Muito bom, adorei... Puxa, muito obrigada!

— De nada, Laurie, eu queria que você visse lá.

— Desculpe, mas eu adorei a música.

Khaleb sorriu e fez uma pergunta:

— Lembra-se de quando eu me declarei para você?

Laurie deu um sorriso amarelo:

— Sim.

— Lembra-se de que eu perguntei se poderíamos nos conhecer melhor? Você falou que seria interessante até, agora a gente já se conhece um pouco mais. Vou ser sincero... Estou gostando de você.

Khaleb ficou alguns instantes esperando as palavras dela, até que finalmente vieram.

— Eu acho o seguinte, você não me conhece, certo? Então, o que você fez foi me fantasiar... Você não gosta de mim, mas, sim, da minha figura, entende?

— Eu posso até concordar com isso quando nem te conhecia, mas não podemos negar que já nos conhecemos, nem que seja um pouco, certo?

— Mas tudo isso é muito superficial.

— Eu sei.

— As palavras vão frias e sem expressão.

— Como assim?

— Você não sabe se eu falo sério, brincando, ou em um tom sarcástico... Conhecer você realmente não é apenas saber o seu nome e o que faz.

Cheio de esperanças, Khaleb contra-argumentou:

— Mas nós temos todo tempo do mundo.

Laurie foi irredutível:

— Sim, podemos até ter, mas coloque-se um pouco em meu lugar... Do nada, aparece uma pessoa que, a princípio, você nunca tinha visto na vida, ou, pelo menos, não se lembrava, se declarando... Você fica, no mínimo, impressionada com tal coisa, sem ação. Ah, não sei nem o que dizer, é tão difícil.

Khaleb não resistiu e abriu o seu coração:

— Mas, Laurie, nem eu entendi o porquê de tanta atração, eu nunca me senti atraído por alguém assim antes a não ser por algumas atrizes de televisão apenas, mas era tudo passageiro, agora, você, não sei... Foi estranho... Foi diferente... Eu passava o tempo todo pensando em você... Na aula... Quando eu ia pra aula de guitarra, para a aula de reforço, tudo!

— Imagine você acostumado a se relacionar com mulheres muito mais velhas e maduras que você... Daí aparece uma garotinha nova.

Khaleb então entendeu tudo o que a garota quis dizer com o discurso.

— Mas tudo bem, Laurie, acho que entendi bem o que você quis dizer com toda essa conversa, acho que, então, a gente deveria ter uma amizade mesmo, tentei de todas as formas te conquistar, contudo, você foi irredutível, não posso fazer mais nada.

— Eu adoraria retribuir os seus sentimentos, porém, você sabe que eu não retribuo, conheço muitas pessoas que nem estariam conversando, já teriam ignorado logo de uma vez, mas acho isso muita falta de respeito.

— Tudo bem, ficamos por aqui, gostaria de, pelo menos, ter a sua amizade.

— Ah, eu também, você é muito legal.

Khaleb sorriu e os dois se abraçaram. Os dois ficaram mais algum tempo conversando até Khaleb perceber que estava ficando tarde. Despediu-se de Laurie e foi embora com a fisionomia um tanto triste.

Elias

Os dias daquela semana se passavam muito devagar. Estavam todos ansiosos, pois, na sexta-feira, seria a abertura do *Rock in Rio*. O clima era de muita tensão por todo o Rio de Janeiro e todos já estavam comprando os seus ingressos antecipadamente. Khaleb estava programando de ir com seus amigos para ir assistir ao *Queen*, *Iron Maiden*, *AC/DC* e *Ozzy Osbourne*.

Na quarta-feira daquela semana, Khaleb ligou para Frederico para combinar se ele iria de carona.

— Vou sim, Khaleb, sexta-feira eu vou aparecer aí na sua casa depois do almoço.

Também chamou o Gabriel.

— Oh, meu caro, eu vou com Jéssica, minha namorada, mas obrigado pelo convite, nos encontraremos lá de qualquer forma.

A semana foi de muita tensão e ansiedade, mas, finalmente, o tão esperado dia chegou. Era sexta-feira e todos na sala de aula do último dia de colônia de férias estavam eufóricos e ansiosos para o grande evento que chamaria bandas de todo o mundo.

Naquele dia, Khaleb havia voltado para casa depois que terminou a aula. Precisava descansar e cochilar um pouco, pois a noite prometia para todos. Ainda ligou para mais alguns amigos e amigas para tentar marcar um encontro lá no *show* mesmo, mas não aguentou por muito tempo e acabou dormindo.

Acordou às cinco horas da tarde. Levantou-se rapidamente, entrou no banho e deixou a água escorrer pelo seu corpo. Após quinze minutos, Khaleb saiu do banho para se arrumar. Seu amigo Frederico já havia chegado a sua casa, enquanto estava dormindo, estava esperando-o na sala para saírem. Khaleb vestiu sua roupa toda e foi ao encontro de Frederico.

— E aí, meu irmão, pronto para hoje? Perguntou Khaleb a Frederico.

— Estou sim, vamos, pois já estamos atrasados!

Os dois saíram do apartamento e foram descendo no elevador. Chegaram ao térreo e foram direto para o ponto de ônibus. Pegaram um que ia para o bairro de Jacarepaguá. Repararam durante o trajeto que a cidade estava mais movimentada do que o normal. Mais pessoas vestindo roupas pretas, diferentes do habitual. Sentiam que o clima era de festa na cidade do Rio de Janeiro. A cidade inteira estava preparada para terem dez dias seguidos de *Rock* e *Heavy Metal*.

Chegaram à Cidade do Rock, local criado exclusivamente para acontecer o *Rock in Rio*. Ainda era dia quando encontraram-se com Bernardo, que estava à porta do local do evento desde cedo pela manhã.

— E aí, Bernardo, soube que você e a Juliette terminaram.

— Ah, é verdade, eu já queria fazer isso há muito tempo, ela era muito chata. Khaleb achava o contrário, mas preferiu não discutir, ele deveria ter seus motivos para achar isso, e não queria se meter na briga de ninguém.

Os três sentaram-se no chão. Bernardo apanhou a caixa de isopor que estava levando e pegou três cervejas. Khaleb comprou

cigarros e os três ficaram fumando e bebendo até a hora de o *show* começar.

Juliette já estava em Curitiba fazia alguns dias, mas não havia sequer colocado o pé para fora de casa. Triste e amargurada com a vida, com raiva da sua mãe por tê-la levado para viajar enquanto, na verdade, queria estar no Rio de Janeiro para curtir o *Rock in Rio* e, também, a companhia do seu mais novo amigo, Khaleb, além de continuar sua luta para reconquistar Bernardo, mas, em vez disso, sua mãe a levou justamente no momento em que a sua cidade estava em festa. Mal humorada, escutava o LP do *The Cure* em seu quarto. Sua mãe bateu à porta e disse-lhe:

— Juliette, se arrume que nós iremos à casa da sua avó Alzira.

Ela resmungou um pouco mais e levantou-se. Foi em direção ao armário e escolheu uma blusa preta do *Pink Floyd* e uma calça jeans.

— Pronto, mãe, estou aqui, como a senhora mandou. Havia um tom irônico nas suas palavras.

— Arruma esse cabelo, garota, solte-o um pouco!

A menina não respondeu, contudo, soltou o cabelo. Sua mãe abriu a porta da casa e Juliette saiu. Foram em direção ao carro. A casa de sua avó ficava a vinte minutos da casa dela. Sua mãe colocou uma fita do Roberto Carlos para ouvir enquanto iam com o seu *Chevette* do ano.

Chegou à casa de Alzira. Juliette abraçou forte a avó, dizia estar com saudades, fazia um ano que as duas não se viam.

— Menina, como você está linda!

— Muita bondade da senhora dizer isso, vó. Eu continuo a mesma de sempre.

— Mas você cresceu, parece mais mulher.

— Ora, obrigada.

Virou-se para Esther, mãe de Juliette, e abraçou-a fortemente. Mãe e filha matavam saudades grandes naquele momento.

— Filha, há quanto tempo, nunca mais veio visitar sua pobre e velha mãe.

Esther riu e continuou abraçando-a. Alzira foi até a cozinha e mandou preparar-lhes um café, voltou à sala e as três ficaram conversando. Entretinham-se sobre todos os assuntos. Variavam entre namoros, política brasileira, o *Rock in Rio* acontecendo no Rio de Janeiro.

— Ah, mas o filho da minha sobrinha ficou muito triste por não poder ir. Ele é todo roqueiro, usa cabelo comprido, fica ouvindo rock pesado, igual à Juliette. — emendou Alzira e as três caíram na gargalhada. A moça que trabalhava na casa chegou com as três xícaras de café, ao mesmo tempo, a campainha tocara.

— Veja quem é, por favor. — pediu Alzira para a moça que trabalha em sua casa.

Abriu a porta, era Elias, o filho de sua sobrinha.

— Oh, meu filho, veio em boa hora. Estou com visitas e gostaria que se juntasse a nós. Puxou o rapaz para perto das moças e o apresentou:

— Esta é minha filha Esther, você já a conheceu, só não se lembra porque era um molequinho muito pequeno, e esta é a minha neta Juliette. As duas são suas primas, sabia?

— Muito prazer, primas. — beijou a mão das duas e sentou-se. Alzira pediu a empregada preparar mais uma xícara de café.

Alzira e Esther começaram a conversar sobre assuntos de pessoas de mais idade, que os jovens chamariam de entediante. Elias e Juliette pediram licença e se retiraram. Foram para a varanda e sentaram-se no banco. Havia uma linda paisagem com uma mata em volta. Estava ameaçando chover, o cheiro de chuva misturado com o cheiro da mata dava uma sensação relaxante e revigorante para ambos. Os dois se entreolharam, até que Elias falou:

— Não sabia que Alzira tinha uma neta, de onde você veio?

— Ah, eu sou do Rio de Janeiro, estou triste porque perdi a abertura do *Rock in Rio*.

— Ótimo, também queria estar lá.

Elias continuou a conversa.

— Que estranho conhecer primas na idade em que eu estou. A minha ideia de primos são de eles crescendo juntos.

Juliette concordou.

— Verdade, a minha família é muito grande, era possível que isso pudesse acontecer.

Os dois começaram a conversar e a se entenderem muito bem. Pareciam até dois velhos amigos. Juliette, com o seu jeito cativante, não deixava que o assunto morresse e Elias se entretinha cada vez mais com sua nova prima. Ficaram na varanda deitados na rede e não viram o tempo passar.

O dia começava a escurecer e os dois ainda não haviam parado de conversar, apenas quando Esther chamou Juliette para voltar para casa. Os dois se despediram com um beijo no rosto e Juliette entrou no carro para seguir viagem de volta a sua casa. Elias

olhou aquela pessoa que acabara de conhecer e pensou consigo mesmo: "De onde eu a conheço?". Despediu-se, em seguida, de dona Alzira:

— Até logo, meu filho, mande sua mãe vir aqui mais vezes.

— Pode deixar, tia, mandarei.

Saiu da casa de Alzira e foi caminhando em direção a sua. Fazia planos para voltar à casa da tia mais cedo ou mais tarde.

O *show* do *Queen* já havia terminado, e estava quase começando o do *Iron Maiden*. Khaleb, Bernardo e Frederico estavam eufóricos, sentiam que a noite apenas havia começado.

— Cara, o Freddie Mercury deu um *show*, literalmente. Adorei quando ele cantou *We Will Rock You*. Pensei que iria desmaiar de tanta emoção. — Frederico estava tão emocionado com o *show* que estava chorando.

Encontraram mais alguns amigos, e todos saíram para comprar cervejas e cigarros. O *show* do Iron Maiden iria começar.

Quando começou, foram fortes emoções o tempo todo. O *Iron Maiden* estava em seu quinto álbum e fazia uma turnê mundial. Anunciaram que gravariam um disco ao vivo na cidade da Califórnia.

Depois, foi a vez da apresentação do *Whitesnake*. Khaleb já estava cansado, havia assistido a todos os *show*s que queria, então, decidiu que iria voltar para casa.

— Fred, Bernardo, já vou. Assisti a todos os *show*s que queria e já estou ficando cansado.

Fred tentou contrariá-lo, mas Khaleb foi irredutível.

— É sério, tenho que ir mesmo.

Despediu-se de Frederico e Bernardo e andou até o ponto de ônibus que havia perto da Cidade do Rock. Pegou o ônibus de volta para o Leblon. Durante o trajeto, foi pensando em sua vida, em como sentia falta de ter alguém, de ter uma companhia feminina ao lado dele. Lembrou-se, então, de Juliette, a ex-namorada de seu amigo Bernardo em que ele nunca tinha falado sobre. Havia conhecido Bernardo nas aulas de teoria musical. Eram apenas colegas, não tinham muita intimidade. Porém, Juliette havia chamado a atenção dele de alguma forma. Ele sabia que a conhecia de algum lugar, mas não sabia precisar de onde. Cavou as suas memórias, tentou lembrar-se de todos os rostos da sua infância como fez no dia em que a conheceu, mas foi em vão, ela definitivamente era e não era uma estranha.

Pensou tanto que não percebeu que havia chegado próximo ao seu prédio. Puxou a cordinha do ônibus e desceu. Foi andando em direção ao edifício onde morava. Entrou e chamou o elevador. Assim que chegou, discou o sétimo andar, e entrou em casa. Foi direto tomar uma ducha depois de trancar a casa. Terminou a ducha e foi dormir, pois estava bastante cansado. Foi só deitar-se na cama para pegar no sono.

De repente, viu-se em outro lugar, estava sentado em um banco, olhando o pôr-do-sol. Virou-se para o lado e uma figura feminina chegava perto dele. Um pouco menor do que ele, cabelos encaracolados e pretos.

— Te amo, Khaleb. — ela disse assim que chegou perto dele. Khaleb começou a sentir uma angústia, mas a figura feminina o

beijou nos lábios. Foi um misto de prazer reprimido por muito tempo e uma angústia, uma sensação de que algo muito ruim aconteceria.

Harry interrompeu:

— E o que esse sonho tem de mais, digo, o que ele quis dizer para você, e você ainda se lembra disso?

— Ah, você não está acreditando mesmo que eu tenho uma boa memória, não é? — deu uma risada.

— Não, não é isso... É que as coisas que você está contando têm detalhes vivos, parece até que foi ontem que você viveu tudo isso.

— É, você tem razão... Mas, então, vamos dar uma pausa para comer uma pizza?

— Pode ser, estou com fome... Já são quatro horas da tarde.

Saíram do quarto de Harry e foram para a cozinha. Harry pegou uma pizza no congelador e umas batatas fritas. Abriu a geladeira e pegou uma Coca-Cola. Pegou dois copos, colocou-lhes gelo e despejou o conteúdo dentro de cada um. Ficaram bebendo a Coca-Cola gelada, refrescando o calor que fazia durante aquela tarde e esperando as batatas e a pizza ficarem prontas.

— Quer dizer que até o sonho de vinte e cinco anos atrás você se lembra. — Harry estranhou, mas achou engraçado.

— É.

Passaram-se alguns minutos, a batata e a pizza ficaram prontas. Os dois amigos pegaram alguns pedaços e uma porção, encheram os copos e voltaram para o quarto.

— Bom, aonde paramos mesmo? — perguntou Khaleb, tentando recapitular.

— Você contou do seu sonho.

— Ah sim, vamos continuar então...

Pedido de Namoro

Khaleb acordou assustado, mas não conseguia lembrar-se por que. Não conseguiu dormir mais, porém, teve sorte, já estava próximo do amanhecer. Levantou-se da cama e foi até a cozinha. A mesa do café já estava posta. Khaleb pegou um pouco de café e um pedaço de sonho de padaria.

O dia já havia amanhecido totalmente. Khaleb aproveitou e colocou sua sunga para ir à praia, pois estava um belíssimo sábado de verão naquele janeiro de 1985. Desceu pelo elevador e saiu para o calçadão frente ao seu prédio. Foi andando até chegar à praia. Quando chegou, foi direto para o mar.

Deu a hora do almoço e Khaleb voltou para casa, o café da manhã que tinha tomado horas atrás já não o satisfazia. Khaleb chegou em sua casa e tomou uma ducha para tirar o sal do corpo. Durante o banho, ficou pensando na vida. Pensou na sua banda, nos próximos *shows* que faria, em Juliette... Sentiu saudades dela, decidiu que ligaria para ela qualquer dia, afinal, se tinha o telefone dela, o que estava esperando para fazer a ligação? Khaleb decidiu que iria ligar para ela daqui alguns dias, em algum dia à noite, afinal, naquela semana, havia programado de sair com muitos amigos, inclusive, comer comida japonesa na casa da namorada do seu companheiro de banda, Vinícius. Fariam uma pequena reunião para confraternizarem o primeiro *show* da banda.

Os dias se passavam tristes e monótonos para Juliette, que ainda se encontrava em Curitiba. A garota, apesar de gostar da cidade, de ter reencontrado seus amigos de infância, preferiria estar no Rio de Janeiro. Juliette havia se mudado para Curitiba com doze anos de idade. Antes, morava no Rio de Janeiro. Ela lembrava-se de ter sofrido bastante com a mudança, mas, em questão de meses, já estava adaptada à cidade. Quatro anos haviam se passado e saiu de Curitiba para voltar a morar no Rio de Janeiro. Agora, ela queria voltar. Não aguentava o calor da cidade maravilhosa, preferiria estar na presença de seus amigos de infância. Já havia se acostumado com o estilo de vida de Curitiba, e decidiu que voltaria a morar lá.

De repente, o telefone tocou e interrompeu os devaneios da menina.

— Alô?

— Oi, adivinha quem é.

— Khaleb! Que surpresa, não esperava por sua ligação.

— E aí, como está?

— Ah, estou tão bem, apesar de preferir estar aí com vocês. Rever os amigos é tão bom. E você, moço, o que me conta?

— Eu estava morrendo de saudades de você, estava pensando em te ligar qualquer dia.

— Ah, eu também, pelo visto estamos em sintonia, mas eu tomei a iniciativa.

Os dois conversaram por bastante tempo, riram, cada um falou de sua vida para o outro, como estavam, o quanto um estava com saudade do outro, fizeram planos de sair para quando Juliette voltasse para o Rio de Janeiro.

— Khaleb, agora eu preciso ir, qualquer dia eu te ligo, está bem, moço?

— Está bem, vou esperar sua ligação.

— Um beijo, tchau.

— Tchau.

Ela desligou o telefone e a campainha tocou, era o Elias.

— Oi Juliette, como vai? — Elias cumprimentou a moça com um beijo no rosto e, após convidá-lo para entrar, sentou-se no sofá da casa. Ele havia passado na casa dela, chamou-a para ir tomar um sorvete. O rapaz estava bastante interessado nela, fazia todas as investidas que pudesse. Ela, apesar de achar ele um garoto bonito, ainda não havia esquecido Bernardo, mas, mesmo assim, correspondia aos galanteios do rapaz. Elias era descendente de poloneses, pele branca, cabelos loiros e lisos, ele era o tipo de pessoa que chamava atenção aonde ia.

— Então, vamos tomar um sorvete?

— Sim, vou só me arrumar e vamos.

Juliette foi trocar de roupa e, em questão de minutos, os dois saíram de casa. Andando até o ponto de ônibus, falavam sobre a vida, sobre o que queriam mudar, sobre o que estavam satisfeitos. Sem perceber, estavam se envolvendo mais e ela, aos poucos, ia esquecendo seu último namorado. Chegaram à sorveteria e sentaram-se à mesa. Conversavam, conheciam-se, envolviam-se e se

conheciam mais. De vez em quando, os olhares de ambos se cruzavam e sentiam um frio na barriga.

Passaram-se alguns dias, Elias continuava indo à casa dela sempre. Inventava uma desculpa qualquer, seja porque esquecera de falar algo, seja porque comprara um presente para ela, não conseguia disfarçar que estava interessado. Juliette gostava, apesar de ainda não estar totalmente envolvida.

Um dia, decidiram ir ao *shopping*. Pegaram um cinema, lancharam, tomaram sorvete, sentaram na praça, conversaram. Naquele dia, estava inevitável conter a atração. Ela, naquele momento, já estava envolvida.

Entraram no cinema e sentaram-se na poltrona, o filme já havia começado. Enquanto o filme passava, Elias pensava, “A oportunidade é agora”. Lá pelas tantas, ela apoiou a cabeça em seu ombro. Um frio na barriga percorreu o garoto e seu coração começou a bater rápido. Ficaram assim por um bom tempo, até que, com uma intenção de apenas ver as unhas dela, acabaram ficando de mãos dadas. Seus batimentos cardíacos estavam a mil por hora, pensava: "Falta pouquinho". Respirava fundo e esperava uma oportunidade, até que, numa espreguiçada que deu, ela levantou sua cabeça do ombro de Elias, e lhe deu um beijo no rosto. O descendente de polonês apenas virou-se e se beijaram lá mesmo. Assistiram ao filme todo daquele jeito.

Já passavam das seis horas da tarde quando e decidiram voltar para casa. Eles foram para o ponto de ônibus. Ficaram esperando. Quando menos perceberam, Juliette estava abraçada com Elias. Os corações dos dois primos estavam disparados, e Elias não hesitou, ambos se encontraram com os lábios outra vez. Foi um beijo longo e intenso. Elias tentou resistir, mas não conseguiu, olhou nos olhos da garota e perguntou-lhe:

— Quer namorar comigo?

Ela hesitou um pouco, mas respondeu que sim. Ambos iniciaram um romance que seria bom para muitos, e sofrido para outros.

Há quilômetros de distância, ao mesmo tempo, estava Khaleb. Cada vez mais, pensava em Juliette. Estava de férias, por isso, saía com seus colegas, ia para bares, *shoppings*, casas noturnas. Quando nenhuma dessas opções estava disponível, seja porque seus amigos haviam viajado, ou porque ninguém queria sair, Khaleb ficava em casa escutando seus discos de *heavy metal*, tocando sua guitarra, assistindo a televisão, ou até pensando em Juliette.

Arrumou uma paquera na semana do *Rock in Rio*, mas não queria nada muito sério com ela. Seu nome era Andréa. Conheceram-se por meio de Vinícius, companheiro de banda de Khaleb. Ela estava no dia do *show* do *Iron Maiden*, mas não conversaram muito. Depois, na casa da namorada do Vinícius, se conheceram mais e um beijo acabou saindo. Khaleb gostou, era uma garota bacana, mas não estava interessado nela como estava por Juliette.

Para Khaleb, os dias estavam passando de forma monótona e entediante. Por outro lado, ele e Juliette se envolviam cada vez mais, trocavam telefonemas quase todos os dias.

— Vai fazer o que nessas férias? — Juliette perguntava para Khaleb.

— Até agora, nada, tenho que ver ainda. E você, que dia volta?

— Dia vinte e quatro.

— Podemos marcar algo, não acha?

— Com certeza, vamos curtir bastante.

Às vezes, eles faziam declarações um para o outro.

— Khaleb, eu te adoro. Você foi muito legal comigo.

— Ah, imagine, só fiz o que eu achava que deveria fazer.

— Me mande cartas, vou ficar muito feliz de recebê-las. — dizia o endereço dela e ele anotava.

Outras vezes, ela ligava para ele de manhã bem cedo. Ele atendia com uma voz de sono ainda.

— Alô?

— Acorde, seu moço, já está na hora.

— Ah, é você. Se você me acordar assim mais vezes eu vou te pedir em casamento, vou ficar de bom humor para o resto da vida.

Riam e divertiam-se. Juliette parecia dar esperanças em sua resposta.

— Então eu só estou esperando você me pedir em casamento.

E as férias estavam chegando ao fim. Elias sentia o coração apertar, pois sabia que Juliette voltaria para o Rio de Janeiro, e eles só iriam se encontrar no final do ano. Estava amando essa garota de uma forma intensa, como nunca havia amado antes. Tudo o que fazia era pensando nela, ele a carregava em pensamento onde quer que fosse. Ela já não tinha esta empolgação. Gostava dele, mas não era muito. Aceitou o pedido de namoro, mas foi sem pensar. Sabia que iria voltar para o Rio de Janeiro, por isso, não estava levando a sério. Logo voltaria a sua vida normal, era apenas uma aventura de

férias. As férias estavam acabando, e o romance dela com Elias também. Pelo menos era o que ela pensava que iria acontecer.

No dia marcado, Juliette estava voltando para o Rio de Janeiro. Elias chorava, a ausência da amada já estava doendo antes mesmo de ela ir.

Deram um longo beijo e Elias disse:

— Você me espera? Eu vou ficar te esperando.

Ela, mesmo sem ser sincera, respondia:

— Sim, vou ficar te esperando também. — respondia, deixando o rapaz cheio de esperanças.

Elias viu o carro dela sumir no horizonte. Com lágrimas nos olhos, voltou para sua casa, sentia que a casa estava vazia, sem vida. Deitou no quarto e ficou remoendo sua tristeza por sua amada ter ido embora.

Outro Pedido de Namoro

O dia amanheceu limpo e sem nuvens no céu. Um azul bonito estampava sobre o infinito e uma brisa confortável entrava pela janela. Uma brisa da manhã que, ao tocar a pele, dava uma sensação de paz e conforto. Naquele momento, Khaleb estava acordando com o brilho do sol de verão em seu rosto. Olhou pela janela e viu o movimento típico do mês de janeiro. Famílias indo tomar sol na praia, pessoas sentadas nos quiosques, o clima de verão. Khaleb estava contemplando o sol e sentindo a brisa matinal, um sol que a natureza trazia como um presente divino.

Há muito tempo não conseguia sentir a sensação que experimentava naquele momento: Paz e tranquilidade, pois, desde que chegara naquele lugar para morar, não simpatizava com a vizinhança e só lhe trazia conflitos. Não aguentava mais a vida naquele lugar. Esperava pelo dia em que sairia do Leblon, mas já havia perdido as esperanças, porque muito tempo havia se passado desde que chegou àquela vizinhança. Khaleb era muito descontrolado, perdia a cabeça facilmente e não sabia viver em sociedade. Não ligava para nada, só queria saber de música e tocar. Sua vida escolar era horrível e confusa, pois, no ano anterior, quase reprovou o ano escolar. Graças ao conselho de classe, passou para o

terceiro ano do ensino médio. Naquelas férias, algo fez ele sentir-se outra pessoa, alguém com vontade maior de viver, passava a maior parte do tempo sorrindo e suspirando.

— A vida é boa e digna de ser vivida. — pensou e levantou-se da cama.

Fazia alguns dias que Juliette não atendia a seus telefonemas, isso o estava preocupando, mas preferiu esperar para ver, logo se encontrariam outra vez, afinal, ela já estava voltando para o Rio de Janeiro. Khaleb decidiu ir até a praia e dar um mergulho no mar, pois o calor estava pedindo.

Desceu pelo elevador e saiu para a beira da praia. Como já estava de sunga, entrou diretamente no mar. A água estava uma delícia, refrescante para os dias de verão. Coincidentemente, encontrou Bernardo, já no mar.

— Bernardo! Há quanto tempo!

— Como vai, Khaleb? E as férias?

— Apesar de monótonas, estão boas. Que coincidência ter te encontrado aqui no mar.

— Ah, Khaleb, se tivesse vindo mais cedo, você contemplaria comigo este belo presente que a natureza nos oferece: O mar e a brisa matinal.

— Sim, Bernardo. Eu sei, já senti muitas vezes a brisa da manhã dessa forma. Na minha casa de praia, que fica lá em Cabo Frio, todas as manhãs, eu saía às sete e meia e ia para a beira da praia. Sentia a maresia tocar o meu rosto e a brisa suave me trazia conforto. Ah! Velhos tempos...

Ficaram conversando durante um tempo, até saírem do mar. Contaram sobre suas novidades e o que haviam feito durante a semana que estiveram sem se encontrar.

— A Juliette está chegando de Curitiba hoje, se não me engano.

Bernardo fez uma cara contrariada.

— Tanto faz para mim, não quero mais saber dela.

— Ih, o que aconteceu?

— Nada, cara, prefiro não falar sobre isso, mas eu imagino que vocês estejam de caso, estou certo?

Khaleb hesitou em responder, e, por fim, disse-lhe:

— Olha, eu espero que você não se importe, mas eu gostei muito dela. Não estamos de caso não, mas eu confesso, estou gostando dela, e quando ela voltar eu pretendo investir.

Bernardo fez uma expressão negativa com a cabeça.

— Olha, não pense que o que eu vou dizer é porque estou com ciúmes de vocês, mas tome cuidado com ela, Juliette não é flor que se cheire.

— Pode deixar, obrigado pelo aviso, amigo. — disse Khaleb, colocando tom irônico na última palavra e contrariado, e acrescentou:

— Vamos sair um dia desses?

— Pode ser. — respondeu Khaleb, irritado.

— Já sabe quando vai fazer o próximo *show*?

— Provavelmente, daqui a três meses.

— Nossa, não tem como ser mais perto, não?

— Não, eu vou subir agora. Até depois, Bernardo.

Khaleb voltou para sua casa correndo. Mal despediu-se de Bernardo, e subiu. "O que ele queria falando daquele jeito da Juliette? Será que estava com ciúmes? Então por que terminou com ela? Afinal, se terminou é porque não gostava mais, agora, ela está livre e eu vou investir". Khaleb pensou assim e não deu importância para as palavras do amigo.

Chegou a sua casa e foi tomar uma ducha para, logo em seguida, almoçar. Depois do almoço foi dar uma cochilada. Acordou com alguém cutucando-lhe.

— Oi!

Abriu os olhos e teve uma surpresa, era Juliette. Abriu um sorriso sincero e ambos se abraçaram. Um abraço que mostrava o quanto estavam com saudade um do outro. Ficaram assim por alguns minutos e, depois, se soltaram. Abraçaram-se novamente, e assim fizeram por várias vezes. Juliette percebeu Khaleb desanimado e perguntou-lhe:

— O que aconteceu?

Khaleb respondeu:

— Por que as pessoas insistem em brigar umas com as outras?

— Eu sei como é isso, um amigo, ex-namorado meu de Curitiba brigou comigo porque queria voltar e eu não.

— Nossa, isso é horrível, mas nem ligue, você está aqui hoje, vamos falar de coisas boas, eu estou com muita saudade de você.

— Eu também, e você como está? Solteiro? Namorando? Como?

Khaleb percebeu a indireta.

— Solteiro.

— E a menina que você estava paquerando?

— Ah, não deu certo, somos muito diferentes. Ela ficou triste quando eu fui falar com ela sobre, mas não posso fazer nada.

— É a vida, não é mesmo?

— Esse negócio de forçar alguém a gostar da gente é uma ilusão.

— Não sei, gostaria de ter essa certeza, eu sempre estive ao lado do Bernardo e veja como acabamos.

Os dois estavam sentados na cama de Khaleb. A conversa deles era algo envolvente. Não tinha mais como negar, ele estava apaixonado por ela. As palavras então foram saindo automaticamente da sua boca.

— Juliette, quero me abrir para você, posso?

— Pode.

Respirou fundo e disse.

— Depois que eu te conheci, eu gostei muito de você, te achei muito simpática, mas, sei lá, à medida que íamos conversando, eu passei a me envolver com você, não sei o que acontecia comigo, não sei se eu estava começando a sentir algo diferente por você, porém, depois eu percebi que eu estou apaixonado por você.

Ela não parou de olhar para ele. Deu um sorriso e respondeu:

— Eu também.

Não tinham como segurar as emoções, beijaram-se. Passaram um bom tempo com os lábios unidos, até que aquele turbilhão de emoções diminuiu. Juliette começou a falar:

— Quando eu te conheci, você me lembrou muito uma pessoa, você é todo querido, me diverti muito naquele dia. Mas é estranho, eu estar sentindo algo por alguém que é amigo do Bernardo, ele me odeia, provavelmente falou mal de mim para você, se não, ainda vai falar. Eu me lembro daquela vez que deixou um recado na minha secretária eletrônica, me senti tão bem, tão querida, sabe... pelo fato de alguém se importar comigo.

— Mas será que você não está sentindo tudo isso por mim porque eu lembro essa tal pessoa?

— Não, por incrível que pareça, eu o odeio hoje. Aprontou comigo, mas você... Tão gentil, um doce de pessoa, será que devemos deixar rolar?

— É o melhor a se fazer. Aceita ser minha namorada?

Juliette estremeceu. Ela já estava compromissada, entretanto, Elias não morava no Rio de Janeiro, ele nem iria ficar sabendo, e o Khaleb a tratava tão bem, ela também não resistia a atração que sentia por ele. Aceitou o pedido. Ambos selaram o início do namoro com um beijo.

— Então, minha querida, vamos dar uma volta?

— Sim, que tal tomarmos uma cerveja lá embaixo?

— Eu acho uma ótima ideia.

Os dois desceram até o quiosque e pediram uma cerveja bem gelada. Parecia um casal apaixonado, andavam de mãos dadas, abraçavam-se, beijavam-se.

— Mas, me conte, nem perguntei como você ficou esse tempo todo, o que fez? Como foi o *Rock in Rio*?

— Foi o melhor *show* da minha vida, agora, sim, eu posso morrer em paz.

— Menino, não brinque com essas coisas, isso me assusta.

Os dois se divertiram. Tomaram cerveja, água de coco, mergulharam no mar de roupa e tudo, se beijaram bastante. Fazia apenas algumas horas que começaram a namorar, mas Khaleb estava muito empolgado, queria passar o resto da vida ao lado de Juliette. Não queria se separar dela nunca mais. Era o típico adolescente apaixonado, nada mais importava, apenas o objeto de sua paixão.

Faltava uma semana para as férias terminarem, e os dois apaixonados se viam praticamente todos os dias. Quando não se viam, era por algum motivo de força maior. Juliette conheceu a mãe e o pai de Khaleb, porém, Juliette parecia não querer que ele conhecesse a mãe dela. O rapaz, a princípio, estranhava, mas preferiu não pensar, deveria ser o início do namoro, logo ele estaria íntimo da mãe dela também. Preferiu viver aquela história de amor igual à novela, sem nenhum empecilho para atrapalhar. Sentia-se realmente um personagem novelesco. Juliette, às vezes, ia à casa de Khaleb bem cedo e o acordava, era a alegria dele.

— Bom dia, dormiu bem?

— Dormi, amor, mas estou um pouco doente.

— Ah, não tem problema, cuidarei de você. Juliette cuidava dele quando estava doente, fazia chá, ia à farmácia comprar remédios. Colocava *Led Zeppelin* para tocar enquanto os dois namoravam debaixo do cobertor. Viravam a noite à beira da praia, ele, tocando músicas românticas no violão para ela. Khaleb era um garoto com uma alma romântica, e, como todo bom romântico, recitava poesias para sua amada.

No último dia de férias, Juliette foi até a casa de Khaleb com uma folha dobrada, percebia-se que havia algo escrito.

— Tome, meu amor, escrevi para você. Leia tudo.

Khaleb abriu e começou a ler.

"Khaleb,

Não sei se você lerá esta carta, porém... Acabei de falar com o Bernardo (telefone serve pra algo), a única coisa que ele falou foi sobre como a vida dele estava terrível, e eu sobre como as minhas férias estavam divertidas. Falei da gente, eu acho que ele ficou ciúmes (risadas).

Descobri que ele está de castigo.

Mas, deixemos de falar nele, só queria te dizer que minha vida está maravilhosa, obrigada por tudo. Quinta-feira, vamos a um show, de uma banda de metal, uma amiga me convidou e disse que vai me levar, então eu aceitei ir, beber um pouco, vamos comigo? Quero lhe apresentar para ela.

De qualquer forma, obrigada por tudo, te amo."

Khaleb se dava conta de que ela era a mulher ideal para ele a cada dia. A cada ida dela em sua casa, a cada beijo, a cada carinho, a cada palavra. Aqueles estavam sendo os melhores dias de sua vida.

— Meu amor, obrigado por todas essas palavras. Eu te amo muito, quero ter você comigo para sempre. Ela sorria e beijava seus lábios.

— Você é obrigado a me aguentar agora. — Juliette dizia em tom de brincadeira

— Se for esse o meu carma, eu quero ficar condenado por toda a eternidade.

Riam, divertiam-se, beijavam-se, namoravam. Faziam promessas um para o outro, promessas que não sabiam se poderiam cumprir.

Enquanto isso, a mais de mil quilômetros de distância, Elias também pensava em Juliette. Fazia alguns dias que ligava para ela, mas não conseguia encontrá-la. Isso o deixava atormentado. "Será que ela já arrumou outro?", pensava. "Não, ela deve estar na praia". Outras vezes, ficava imaginando o que ela estaria fazendo. No auge de sua desconfiança, o telefone tocava, era ela.

— Oi, minha pequena, que saudade que eu estou de você.

— Como está em Curitiba?

— Só não está melhor porque você não está aqui.

— Não se preocupe, querido, em breve eu estarei indo morar aí para ficarmos mais perto.

Suas angústias iam embora imediatamente, ela dizia que amava-o, que era para ele continuar esperando por ela, que em breve ela voltaria e moraria na cidade dele.

— Venha logo, tudo está sem vida depois que você foi embora.

Ela dizia para ele esperar. Passavam horas ao telefone, depois desligavam e a menina sumia novamente. Elias, às vezes, ligava para ela e a encontrava em casa, outras vezes, ela era fria com ele e o dispensava, alegando estar ocupada com os estudos.

— Hoje não, Elias, estou cansada, tive um dia estressante, amanhã a gente conversa melhor.

Juliette estava no auge da sua adolescência. Dezesseis anos, era uma garota que gostava de beber, fumar e vestia blusas pretas. Ouvia *rock* e não se importava com nada, pensava apenas em si mesma. Dona de uma beleza chamativa, ela brincava com os homens e pouco importava se iria machucá-los. Sua pele branca, cabelos encaracolados e pretos que iam até sua cintura, seios avantajados, era o sucesso em seu colégio. Assim, levava a vida, namorava Khaleb no Rio de Janeiro e, Elias, em Curitiba. Nenhum dos dois desconfiava de nada, somente Elias, quando Juliette dava os seus sumiços, mas depois de conversarem, voltava a ser o homem apaixonado.

Acabaram as férias, cada um voltou a sua rotina. Khaleb ia fazer o terceiro ano do ensino médio e, Juliette, o primeiro. Cada um chegou a seu respectivo colégio. Khaleb reencontrou seus amigos, contou sobre o seu namoro com Juliette e de como estava feliz com ela. Sua banda também voltou de férias, teriam ensaio na mesma semana, inclusive, já tinham planos para gravar o primeiro álbum, que, provavelmente, sairia entre o final do ano e o início de 1986.

Começou o primeiro dia de aula. A primeira aula foi de física, o professor já passou deveres de casa e marcou prova. “Preciso me

conformar que a moleza acabou", Khaleb pensava, tentando se concentrar no que o professor dizia. Segunda aula foi de matemática, antes mesmo de chegar à metade, ele já estava dormindo. Pedro e Fred precisaram cutucá-lo várias vezes para Khaleb acordar. Terceira aula, de biologia, Khaleb se interessou, tinha até vontade de fazer um curso superior em biologia, depois de sua principal opção, a medicina. Em seguida, veio o intervalo.

— Oi, Khaleb, quer dizer que você está namorando? — as meninas do colégio pelas ele se interessava no ano passado perguntavam-lhe. Ele respondia com desdém para elas:

— Sim, não soube aproveitar, perdeu. — saía orgulhoso de si, deixando-as com ciúmes.

Depois que acabou a aula, Khaleb voltou para casa, Juliette já o esperava à portaria do seu prédio.

— Oi, amor. — os dois se cumprimentaram com um beijo nos lábios e subiram pelo elevador.

— Vi o Bernardo hoje.

Khaleb respondia enciumado.

— Teve recaída?

Ela ria e respondia.

— Que nada, falei para ele tudo o que estava guardado, e que estou feliz com você agora. Tive vontade de estrangulá-lo. — Khaleb ficava mais feliz e dava muitos beijos em sua amada.

Chegaram em casa e foram para a cozinha almoçar, estavam com muita fome. Almoçaram para depois tirarem um cochilo ao som de *Elton John*.

Acordaram no fim da tarde e foram fazer um lanche. Khaleb olhou nos olhos de Juliette e disse:

— Você me faz tão feliz, te amo!

Ela retribuiu com um sorriso e um beijo, em seguida, disse-lhe:

— Fico feliz por você estar bem comigo. — e mudava de assunto repentinamente — Vamos sair sábado?

— Para onde?

— Não sei, vamos ver.

Khaleb lembrou-se que tinha *show* com a banda dali a duas semanas.

— No sábado da próxima semana, a minha banda vai tocar. Quer ir assistir?

Juliette sorriu:

— Claro ,Khaleb, ficarei na frente da plateia.

O rapaz sorriu e beijou a namorada no rosto, depois, na boca. Pegou a mão dela e levantou-a.

— Venha, vamos dar uma volta lá fora. O dia está muito bonito para se ficar em casa.

Ela aceitou. Desceram pelo elevador e saíram do prédio. Caminharam pelo calçadão da beira da praia de mãos dadas. Observavam o movimento do fim da tarde, a rotina se restabelecendo, a maré enchendo... Ficaram contemplando as coisas até escurecer.

— Nossa, já escureceu, melhor eu ir para casa. Minha mãe deve estar preocupada.

Khaleb ofereceu-se para deixá-la em casa.

— Eu te levo até a portaria do seu prédio.

Os dois foram caminhando até chegarem ao quarteirão de Juliette. Caminharam mais um pouco e chegaram frente a seu prédio.

— Fique bem, minha perfeita. — carinhosamente, Khaleb beijou seus lábios, fez um carinho em seu rosto como uma expressão de ternura e a deixou em casa. A garota entrou pela portaria e Khaleb voltou para sua casa.

No caminho para casa, Khaleb pensava em Juliette, e algo queimava dentro de si. Cada vez que lembrava de sua amada, ele sorria. A cada dia, a cada saída juntos, Khaleb estava mais apaixonado por ela. Era uma paixão tão grande que ele chegava a assustar-se, seria capaz de morrer por ela. Passou o trajeto para a casa dele todo pensando nela e fazendo planos para o futuro.

Chegou a sua casa e tomou uma ducha. Depois de jantar, pegou o telefone e ligou para Juliette.

— Eu estou te ligando só para te dar boa noite. — Khaleb falava com a voz carinhosa, e conversaram por mais meia hora, falaram o quanto se amavam e desligaram. Khaleb foi dormir com o coração ardendo de paixão e amor por Juliette.

Correspondência Suspeita

A semana se passou de forma difícil. Os dois personagens principais desta trama estavam com várias obrigações do colégio e mal tiveram tempo de se ver. Khaleb estudava, fazia seus deveres de casa e ainda tinha ensaio com a banda todas as noites daquela semana, pois o próximo *show* já estava perto. Juliette também tinha coisas para estudar, afinal, o colégio dela era bem rígido. Nos momentos livres, ela ligava para o seu namorado de Curitiba.

Em uma dessas noites, telefonou para Elias.

— Oi Juli. — Elias atendia ao telefone feliz, pois, assim, como Khaleb, também estava perdidamente apaixonado por ela.

— Oi Elias, estou sentindo muito a sua falta, ainda espera por mim?

— Mas é claro, minha amada. Sempre vou te esperar.

Falaram por horas a fio, apenas jogando conversa fora. Conversavam sobre trivialidades, sobre como estava a rotina. Elias dizia que Juliette fazia muita falta, que, para ele, a cidade ficou cinza depois que ela se foi. Conversaram até se darem conta de que precisavam desligar.

— Um beijo, meu amor. Eu penso em você o tempo todo, eu te amo, Juliette, casa comigo? Te amo.

— Olha, eu aceito me casar com você sim, beijos, te amo.

Desligaram o telefone. Juliette sequer se dava conta do que estava fazendo. Estava alimentando paixão em dois corações sem preocupar-se com os sentimentos alheios, sem preocupar-se com as consequências traria no futuro.

Elias ficou radiante com a resposta de Juliette. Falou sobre o casamento, mas em tom de brincadeira. Não esperava receber o sim da parte dela.

— Caramba, será que ela estava falando sério? Vou comemorar.

Ficou tão feliz que ligou para o seu colega, e marcou de beber uma cerveja no bar da esquina.

— Alô, Marcos?

— E aí, Elias, tudo bem?

— Tudo ótimo, vamos beber uma cerveja?

— Só se for agora.

— Vem aqui para minha casa.

— Está bem, estou indo.

Desligaram o telefone, e, em menos de dez minutos, Marcos estava na casa de Elias. Ao chegar, eles saíram e foram para o bar que tinha perto da casa de Elias. Chegando lá, pediram uma cerveja, e Elias começou a falar:

— Vou me casar.

Marcos franziu a testa.

— Como assim?

— Isso mesmo.

— Com quem?

— A Juliette. Eu a pedi em casamento e ela aceitou.

Marcos deu uma sonora gargalhada.

— E você vai acreditar no que mulher diz, não é? Cuidado para não cair no conto do vigário.

— Ah, qual é? Eu te chamei aqui não foi pra ficar ouvindo essas palavras desmotivadoras, não, pode parar.

Elias chateou-se com a resposta do amigo, e este foi mais insensível.

— Elias, há quanto tempo vocês namoram? Ela não pode estar falando sério, tem que esperar fazer pelo menos um ano de namoro, vá com calma, cara.

Elias reconheceu que agiu de forma precipitada.

— Você tem razão, Marcos, é que eu sou tão apaixonado por essa garota...

— Tome cuidado para não sofrer, só te digo isso.

Não disse mais nada. Elias sabia que o amigo se preocupava com ele. Apesar de ter sido grosso, precisava reconhecer que Marcos tinha razão. Teria de esperar pelo menos um ano para ver se iriam se entender na vida conjugal.

Mudaram de assunto e continuaram tomando suas cervejas.

Sexta-feira chegou, mas a rotina de Khaleb estava exaustiva do mesmo jeito. Não iria poder sair com Juliette, pois chegaria exausto do ensaio de sua banda. De qualquer forma, eles sairiam no dia seguinte, então, matariam a saudade.

Khaleb chegou a sua casa e nem foi jantar. Pegou o telefone e discou o número de Juliette, mas o telefone estava ocupado. Tentou de novo, ainda ocupado. Resolveu ir jantar enquanto o telefone não desocupava.

Mesmo depois de ter ido jantar, o telefone na casa dela continuava ocupado. "Nossa, quem deve estar demorando tanto assim?", pensava o rapaz, já impaciente. Tentou mais algumas vezes, até que conseguiu. O telefone começou a chamar.

— Alô?

— Nossa, até que em fim. — respondeu Khaleb, demonstrando irritação.

— Oi Khaleb, desculpe, estava falando com minha avó de Curitiba. - argumentava, escondendo a verdade. Então, continuou — "Como está?".

— Estou bem.

— Que bom, eu acabei de ler um livro, se chama "Cem anos de solidão".

— Fala sobre o quê?

— Um romance, misturado com um universo mágico, muito bom.

— Interessante.

— Amanhã vamos nos ver? Estou com saudades.

— Com certeza.

— Às duas horas, no *shopping* do Leblon, pode ser? Vamos assistir a um filme.

Combinaram de assistir a um filme no dia seguinte. Conversaram mais um pouco e desligaram. Khaleb foi tocar guitarra. Passou o repertório do *show* algumas vezes e começou a sentir sono. Deitou-se na cama e dormiu.

Acordou no dia seguinte bem disposto e ansioso para ir ver sua namorada. Ele nunca havia passado tanto tempo sem vê-la, desde segunda-feira. Acordou perto do horário do almoço, portanto, apenas tomou uma ducha, escovou os dentes, almoçou e saiu para encontrar-se com sua amada. Foi andando em direção ao ponto de ônibus até chegar e encostar-se em um mastro para esperar seu ônibus. Passou o ônibus que ele pegaria para ir ao *shopping*.

Entrou no ônibus e sentou-se nas últimas cadeiras. O ônibus parava em cada ponto para deixar descer ou subir mais passageiros. Numa dessas, entrou uma senhora. Estatura média, cabelos curtos, loiros e lisos, com um olhar que transmitia paz. Entrou sorrindo para todos. Foi aproximando-se de Khaleb e sentou-se do lado dele.

— Com licença, menino, posso me sentar ao seu lado?

— Claro, senhora, fique à vontade.

Ela deu um sorriso para ele e disse-lhe:

— Você deveria sorrir mais, isso te deixa mais bonito.

Ele estranhou, mas não disse nada. Ela continuou falando.

— Muitas vezes, as coisas não são da forma que imaginamos ser. É preciso tomar muito cuidado, e estar de olho aberto. Deus olha por nós o tempo inteiro... Meu ponto chegou, até a próxima, menino, fique em paz.

Saiu pela porta afora, deixando Khaleb intrigado. O que aquela senhora quis dizer? Ela não sabia nada da vida dele, portanto, não levou a sério.

Chegou frente ao *shopping* e ficou esperando por Juliette. Ela não havia chegado, a única opção foi sentar-se e esperar.

Já passava das duas da tarde. Khaleb, já impaciente, foi até uma papelaria e comprou uma ficha telefônica. Discou o número dela, e ela atendeu:

— Alô.

— Juliette, você não vem? Estou te esperando.

— Khaleb, me desculpe, minha mãe me colocou de castigo sem motivo. Ai, meu amor, me perdoe, vamos deixar para sair semana que vem?

— Tudo bem, essas coisas acontecem, a gente se fala depois, tchau.

Desligaram. Khaleb ficou um pouco no *shopping* e depois resolveu ir para casa, afinal, não tinha nada de interessante para se fazer por lá. Pegou o ônibus de volta, mas, no meio do caminho, decidiu ir à casa de Juliette. Nunca tinha subido ao apartamento dela, então, resolveu fazer uma surpresa.

Desceu na rua dela. Entrou no prédio e o porteiro o interrogou:

— Pois não?

— Quero ir ao quatrocentos e dois, na casa de Juliette.

Ao mesmo tempo, o correio passou naquele prédio e deixou as correspondências. Uma era destinada ao mesmo apartamento. O porteiro, então, disse:

— Já que você vai subir, leve para elas.

Entregou a correspondência. Khaleb pegou o elevador e subiu para o quarto andar. Enquanto isso, olhava para a carta. Estranhou, era endereçado à Juliette, e o remetente se chamava Elias Steinway Oliver, de Curitiba.

O elevador chegou ao andar dela, mas ele não tocou a campainha, preferiu sentar-se na escada e olhar aquela carta. Movido por uma curiosidade, ele abriu. À medida que lia, a sua revolta e ciúme aumentavam. Esse rapaz fazia declarações de amor para ela. O que significava aquilo? Ele lembrou-se de uma vez quando ela estava em Curitiba, enquanto conversaram por telefone, e ela disse que um ex-namorado de lá queria voltar e ela não. Concluiu que Elias era esse ex-namorado. Decidiu não fazer mais surpresa nenhuma, quis ir embora para sua casa. E, não, ela não ficaria sabendo que ele abriu uma correspondência dela.

Saiu do prédio dela irritado, e passou em um bar. Comprou um cigarro no varejo e uma lata de Coca-Cola. Foi para a beira da praia e ficou fumando, tomando o refrigerante, e remoendo seus ciúmes e sua irritação. “Calma, é só um ex-namorado idiota, depois eu vou investigar direito, ela me ama, isso é o que importa”.

Andou tanto que chegou perto da casa de seu amigo, Vinícius. Ele estava no bar que ficava perto da casa dele. Khaleb o encontrou e sentou-se à mesa. O encontro foi bom, pois Khaleb acabou esquecendo a irritação de tempos atrás.

— Segunda-feira, teremos ensaio, viu? Só para não esquecer. — avisou Vinícius, porque, na próxima semana, eles ensaiariam todos os dias e tocariam no sábado.

Já estava ficando tarde e Khaleb resolveu voltar para casa. Foi caminhando e pensando na vida. Estava mal-humorado, nem parecia aquele garoto apaixonado que era tempos atrás. Estava angustiado com o que havia acontecido.

Chegou a sua casa e nem jantou. Foi para o seu quarto e começou a chorar. Chorou como não fazia desde que era criança. Estava há muito tempo sem ver a namorada e, juntando-se o fato da carta que leu, acabou tendo o seu dia destruído. Chorou tanto que adormeceu sem ao menos ligar para Juliette.

Acordou aproximadamente às dez da manhã. Era domingo e todos ainda estavam dormindo. Khaleb se levantou, pegou uma nota de cinqüenta cruzeiros, e saiu de casa. Queria ficar sozinho. Andou muito, quis ir para bem longe. Chegou ao ponto de ônibus e pegou um para o centro, e de lá pegou o metrô. Foi parar na Praça XV. Deitou-se no banco e ficou olhando para o céu, pensando na vida. "Definitivamente, eu não posso me deixar abater por um fedelho. Eu deveria mandar uma carta para ele com uma foto nossa, talvez ele se tocasse".

Pensou em várias decisões, mas não tomou nenhuma. Passou a manhã inteira andando. Depois de ter almoçado em um restaurante, pegou outro ônibus e foi até a estação das barcas. De lá, pegou uma para a Ilha de Paquetá. Definitivamente, ele não queria ver ninguém.

Chegou à Ilha de Paquetá e a primeira coisa que fez foi alugar uma bicicleta. Ficou na ilha o dia inteiro. Explorou, descansou, comeu, até começar a escurecer. Devolveu a bicicleta, pagou por ela e pegou a barca para voltar ao centro do Rio de Janeiro.

Já passava das nove quando chegou a sua casa. Sua mãe estava preocupada, pois ele saiu sem dar notícias.

— Graças a Deus, você chegou, filho... Onde esteve?

— Ah, eu só queria ficar um pouco sozinho.

— A propósito, Juliette não parou de te ligar.

Lembrou-se da amada e deu o primeiro sorriso do dia. Pegou o telefone, levou para o seu quarto e discou o número dela. Ela atendeu.

— Onde você esteve o dia inteiro? Fiquei te ligando desesperada e você não dava sinal de vida. — a menina estava realmente preocupada.

— Eu sei, preferi ficar sozinho, não estava bem.

— Aconteceu algo?

— Briguei com minha mãe. — mentiu.

— Ah, e eu? Até sábado sem sair de casa.

Ela contou o que aconteceu. Discutiu com a mãe, de verdade. As duas começaram a se ofender, e Esther a colocou de castigo por uma semana. Não faria muita diferença, eles não se veriam essa semana de qualquer jeito. Khaleb teria que estudar para a prova e tinha os ensaios, e Juliette, apenas estudar. Conversaram mais um pouco e desligaram. Khaleb estava cansado, foi para o banho e depois caiu na cama em sono profundo.

A semana foi maçante. Khaleb e sua banda treinaram o dobro do normal. Passavam o *show* umas cinco vezes por dia. Estavam empolgados para sábado. Khaleb estava em um misto de empolgação, expectativa e saudade. Fazia quase duas semanas que não via Juliette. No fim da noite, falaram-se.

— Sábado tem *show*, não é? — Juliette perguntava.

— Sim, você vai?

— Claro.

Khaleb dizia o quanto estava com saudades dela, e que não aguentava mais esperar por sábado. Falaram por mais alguns minutos, Khaleb ainda estava se sentindo estranho com o que tinha lido, por isso, falou pouco. Juliette pensou que fosse cansaço e disse:

— Meu amor, estou vendo que você está cansado, descanse um pouco.

— É verdade, melhor eu ir dormir, afinal, amanhã o dia será cheio, quer dizer, a semana inteira.

— Boa noite, Khaleb.

— Boa noite, Ju.

Desligaram. Khaleb foi tomar seu banho de todas as noites, escovou seus dentes e deitou-se na cama.

O Show

A semana passou como um piscar de olhos. Os dois, com muitas tarefas diárias, nem viram o tempo passar. Falavam-se apenas à noite. E, assim, finalmente chegou o sábado. Khaleb acordou feliz, bem disposto e sorrindo. Lembrou-se do dia de seu primeiro*show*, quando conheceu a Juliette. Estava feliz com ela. Tirando os pequenos estresses de ex-namorado e ficarem bastante tempo sem se ver, estava tudo bem. Perfeito seria impossível, mas estava gostando de como estavam.

Levantou-se da cama, escovou os dentes e foi para a cozinha fazer o desjejum. Comeu pão com manteiga e tomou café, depois, pegou o telefone para ligar para o seu amigo Fred.

— Fred, hoje tem outro *show*, vamos?

— Desculpe, mas hoje eu não poderei ir, fica para a próxima.

— Tudo bem.

Desligaram. Khaleb, então, decidiu não levar ninguém, apenas Juliette. Ligou para ela.

— Oi, amor, que horas eu te busco?

— Khaleb, minha mãe disse que vai me levar... Não se preocupe, ela ainda está chateada comigo.

— Sem problemas, nos veremos a que horas então?

— Cinco e meia está bom?

— Está.

— Um beijo, te amo.

— Tchau, amor, até mais tarde.

Khaleb ficou ouvindo sua fita do *Van Halen* até dar a hora do almoço. Almoçou bife com batatas fritas, e saiu. Pegou sua guitarra azul e foi para a casa do Vinícius.

Chegou lá em vinte minutos.

— Oi, Khaleb, como está? Treinou bastante?

— Claro, rapaz, e você?

Cumprimentaram-se com um aperto de mão e um abraço. Os dois foram para o quarto, cada um puxou sua guitarra e passou mais uma vez as músicas do *show*. Queriam que ficasse profissional, afinal, a qualquer hora poderiam ser chamados por alguma gravadora.

Quando o relógio marcava cinco horas, o pai do Vinícius deu uma carona até a casa de *show*. Ficava em Ipanema. Chegaram lá em trinta minutos. Natália, a namorada do Vinícius, já o esperava, junto de Juliette. Cada um cumprimentou suas respectivas namoradas com um beijo nos lábios.

— Khaleb, eu vou ali ao mercado comprar um vinho. — disse Vinícius.

— Tudo bem.

O outro casal saiu, Juliette e Khaleb abraçaram-se, beijaram-se e ficaram juntinhos. Sentaram-se no gramado que havia na entrada do local. Juliette puxou algo da sua bolsa, era um pacote de biscoito Passatempo. Khaleb sorriu e disse:

— Você se lembrou? Como quando nos conhecemos.

No dia em que se conheceram, Juliette estava bebendo uma Fanta Uva e comendo biscoito Passatempo. Khaleb ficou feliz e beijou muito a sua namorada. Ficaram duas semanas sem se ver, estavam morrendo de saudades. Juliette beijou sua boca por várias vezes, abraçaram-se e deitaram-se no gramado. O sol estava se pondo, aquele clima mágico envolvendo os dois. Juliette fez uma pergunta a ele:

— Será que já nos conhecíamos antes?

Khaleb olhou para ela e respondeu com outra pergunta:

— Como assim?

A menina continuou olhando para ele e, então, disse:

— De vidas passadas, talvez.

— Será? Você acredita nisso?

— Acredito... Quando eu te conheci, não foram cinco minutos, e já sentia um carinho muito grande por você... Sabia que você era especial. Sim, eu tenho certeza que você existiu em uma vida passada minha.

Khaleb, sem saber por que, se emocionou. Aquilo mexeu muito com ele. Algumas lágrimas caíram de seu rosto, e graças ao lusco-fusco do pôr-do-sol, conseguiu disfarçar. Juliette continuou a falar:

— Se algum dia você achar melhor não continuar mais comigo, seja lá por qual motivo, não me odeie.

— Ei, não fale assim... Eu te amo, você é minha vida.

Ela sorriu e o beijou. Abraçou-o bem forte. Nessa hora, Khaleb percebeu o quanto amava aquela garota, não saberia viver mais sem ela. Ela o amava também, mas do jeito dela.

Khaleb levantou e disse:

— Vamos ao mercado. Quero tomar um vinho.

Levantaram-se e foram ao mercado que havia perto do local do *show*. Chegaram à adega e procuraram o mais barato. Compraram o *Cantina da Serra*. Saíram do mercado e voltaram para o mesmo local que estavam antes. Iam abrir o vinho, mas a banda chegou, avisando que o *show* iria começar. Por intuição, preferiram beber depois que acabasse.

A banda entrou. Glauco, o vocalista, subiu primeiro ao palco. Em seguida, os guitarristas Khaleb e Vinícius, depois, o baixista Hugo e Guilherme, o baterista. A banda estava pronta para tocar. Começaram com *Master of Puppets* do *Metallica*. Depois, Glauco deu "boa noite" para o público, apresentou a banda para tocar a segunda música, *Aces High* do *Iron Maiden*. O *show* durou quarenta minutos, como da primeira vez. Fecharam com uma música de autoria do Khaleb e depois com *Living on a Prayer* do *Bon Jovi*.

Acabou, foi um sucesso. Foram aplaudidos e cumprimentados dentro e fora do camarim. Juliette estava esperando por Khaleb do lado de fora. Khaleb saiu e ela abraçou-o, empolgada.

— Parabéns, meu amor, eu sabia que vocês conseguiriam.

— Nossa, foi maravilhoso! — um garoto que assistiu ao *show* deles foi cumprimentá-lo.

— Obrigado. — Khaleb agradeceu.

O casal juntou-se à banda ao lado de fora da casa de *show* e beberam aquele vinho. Khaleb e Juliette abriram a garrafa e

começaram a beber. Beberam sozinhos o vinho que compraram. Em pouco tempo já estavam bêbados. Juliette, principalmente, pois era fraca com as bebidas. Estavam se beijando até que Juliette o interrompeu e disse, com a voz pesada pelo álcool.

— Posso deitar em seu colo?

— Pode.

Ela deitou-se. O resto do pessoal saiu para comprar mais bebidas e deixaram os dois sozinhos.

Passados alguns minutos, Juliette parecia ter adormecido. Khaleb tentava chamá-la, mas ela não lhe respondia. "Dormiu!". Ajeitou-se na grama para que ela ficasse mais confortável e ficou fazendo carinho em sua cabeça. Alisava os seus cabelos encaracolados, e, às vezes, beijava-a em sua testa. Ele tentava chamá-la, entretanto, ela parecia estar em sono profundo. Isso foi deixando-o preocupado.

Minutos mais tarde, ele já estava desesperado.

— Juliette, acorde, o que você tem?

A menina então respondeu com um soluço. Outro soluço. Khaleb tentou levantá-la, mas não deu tempo, ela vomitou em cima de sua calça. Rapidamente, Khaleb levantou-se e ajeitou-a em uma posição que ela pudesse vomitar sem correr o risco de asfixiar-se. Vomitou tudo. Khaleb estava tão desesperado que buscou ajuda das pessoas em volta. O pessoal da banda havia chegado, e logo foi prestar socorro.

— Vinícius, me ajude, não sei o que faço.

— Ligue para o hospital — respondeu Vinícius, também preocupado com o estado da garota.

Juliette finalmente manifestou-se.

— Não, eu quero que ligue para minha mãe.

Khaleb interveio.

— Mas, amor, você vai melhorar daqui a pouco.

A menina continuou insistindo.

— Não, eu quero que ligue para minha mãe, senão, eu vou fazer um escândalo.

Khaleb estava assustado, não conhecia esse lado de sua namorada. Preferiu não contrariá-la. Pegou uma ficha e foi até o orelhão mais próximo. Discou o número da casa dela. Esther atendeu.

— Boa noite, a senhora é a mãe da Juliette?

— Sim, quem está falando?

— Eu sou o namorado dela, ela bebeu um pouco, vomitou e está implorando para ir embora. Está pedindo para a senhora buscá-la aqui.

Esther perguntou, assustada, o endereço da casa de *show*. Khaleb informou-a e ela lhe disse que já estava a caminho. Agradeceu-a e desligou.

Khaleb estava chorando. Não sabia por que, mas estava sentindo uma sensação de perda. As coisas não seriam mais as mesmas depois daquilo. Ficou olhando aquela Juliette caída ao chão, vomitada, inconsciente, e ficou se lembrando de todos os momentos bonitos que passaram juntos. Não reconhecia a sua Juliette naquele momento.

Esther chegou. Correu para abraçar a filha. Khaleb ajudou a colocá-la no carro. Esther perguntou onde o rapaz morava.

— Leblon.

— Eu vou para lá, quer carona?

Khaleb aceitou. Pegou sua guitarra e colocou dentro do carro. Despediu-se de seus colegas e seguiu viagem com Esther e Juliette.

Esther observava Khaleb pelo retrovisor. Ele percebia e ficava constrangido.

— Há quanto tempo namora minha filha?

— Dois meses.

Estava acuado. Não conseguia conversar com ela. Passou a viagem inteira calado e fazendo carinho em Juliette. Chegaram frente ao prédio de Khaleb, Esther parou o carro para ele descer.

— Obrigado por cuidar da minha filha, rapaz.

— Não há o que agradecer, eu a amo.

Pegou suas coisas e entrou pela portaria. Entrou em casa, colocou sua roupa suja na máquina e entrou no banho. Deitou-se na cama e pensou no que acontecera. A sensação de perda era muito forte. Chorou baixinho e adormeceu.

Acordou com sua mãe batendo à porta. Era alguém querendo falar com ele ao telefone. Era a Esther, chamando-o para almoçar em sua casa. Khaleb aceitou. Vestiu uma roupa, escovou os dentes, avisou para a mãe que não almoçaria em casa e saiu.

Chegou ao apartamento dela. Esther o recebera muito bem. Como uma forma de gratidão por ter cuidado da filha, fez almoço para ele. Juliette ainda dormia.

— Vou acordá-la.

Esther mostrou o caminho para o quarto dela. Khaleb entrou. Comoveu-se ao vê-la deitada e dormindo. Não resistiu, abraçou e beijou a moça. Ela acordou:

— O que você está fazendo aqui? – perguntou, assustada com a presença do rapaz.

— Sua mãe me ligou e me chamou para almoçar aqui... Está melhor?

— Sim, ontem tomei um banho e dormi. Acabei falando besteira para minha mãe, sobre minha vida... Bebidas, essas coisas... Como eu estava ontem?

Khaleb contou detalhadamente. À medida que ia contando, ela chorava de vergonha. Khaleb abraçou-a e disse-lhe:

— Calma, está tudo bem, já passou.

— Não, não está... Ela me colocou de castigo de novo. Desta vez, por mais tempo.

— Duvido que seja até o final do ano.

— No fim do ano eu não estarei mais aqui, Khaleb!

O rapaz se assustou.

— Não? Para onde você vai?

— Curitiba... Se tudo der certo... Quase ninguém sabe dessa possibilidade ainda.

Khaleb beijou a garota.

— Não vá, por favor... Fique!

— Eu não gosto daqui... Tenho pessoas especiais, mas não gosto.

Ficaram abraçados e calados. Khaleb continha-se para não chorar. Ele sabia que algo mudaria, que ele a perderia, mas continuaria amando-a mesmo ao longe. Ficaram assim até a mãe dela os chamarem para almoçar.

Passaram a tarde inteira juntos. A menina parecia bem, já Khaleb, não. O rapaz estava tenso, deprimido, ainda não estava acreditando que Juliette iria mudar-se. Estava sofrendo por antecedência. Tentou ainda argumentar, perguntar o porquê, contudo, ela não quis lhe dizer. Sua desconfiança aflorou, lembrou-se da carta que leu.

— Khaleb, vou tomar um banho, você me espera aqui?

— Espero sim, amor.

Era a chance de ele tentar descobrir alguma coisa. Enquanto estivesse tomando banho, ele procuraria algo que pudesse colocar no quebra-cabeças.

— Está bem, me espere, então.

Juliette pegou uma toalha e foi para o banheiro. Khaleb só ficou à vontade quando escutou o som da tranca da porta. Verificou se a porta do quarto estava fechada e começou a procurar por qualquer pista. Encontrou uma caixinha verde. Abriu-a e encontrou algumas cartas. Pegou uma, abriu-a e começou a ler. Pelo nervosismo, leu só um trecho, mas foi o suficiente para sentir-se mal e angustiado outra vez. Seu ciúme aumentou.

"...foi romântico, sim. Te amo, minha amada, sinto muito a sua falta. Mesmo que tenha me esquecido, eu vou ficar te esperando aqui".

Nesse trecho, Khaleb quase perdeu os sentidos. Escutou o barulho da porta do banheiro e guardou a carta na caixinha, colocando-a de volta sobre a mesa de cabeceira. Juliette chegou ao quarto com uma toalha cobrindo o seu corpo. Khaleb tentou

disfarçar sorrindo para ela. Juliette colocou uma roupa e os dois ficaram abraçados a tarde inteira.

Sofrimento por Antecedência

Naquele dia, Khaleb voltou para casa à noite. Estava sofrendo por antecedência. Sentia-se como se ela já tivesse ido embora para Curitiba. “Eu seria capaz de ir à Curitiba até de bicicleta”, pensava, lembrando o quanto estava apaixonado por ela. Estava com medo, pelas cartas que ela ainda guardava do suposto ex-namorado. Será que ela ainda gostava dele? Será que, quando voltasse para Curitiba, seria com ele que ela ficaria? Sabia que havia uma chance de isso acontecer, pois ainda guardava as cartas dele. Será que ela respondia a essas cartas? Khaleb não estava nada bem, chegou a sua casa e deitou-se na cama. Colocou um disco de *Iggy Pop* para ouvir e ficou remoendo sua amargura e seu medo. Demorou-se para conseguir dormir aquela noite. Ficou deitado rolando pela cama, como se estivesse em um suplício eterno.

Depois daquele dia, algo mudou dentro de Khaleb. Deixou de ser aquele garoto feliz e cheio de vida. Nunca mais sorriu. Passava a maior parte do tempo deprimido. Sua desconfiança aumentava a cada dia e seu ódio por Elias também. Passou a frequentar a casa dela mais vezes, para tentar descobrir alguma coisa. Em cada brecha, ele ia à caixinha e lia mais algumas coisas. Encontrou apenas o que não queria encontrar, fotos dos dois juntos em suas

intimidades, cartas dele para ela, dela para ele, até um par de alianças ela guardava com dois nomes gravados, Elias e Juliette. Khaleb sofria calado, não queria que ela ficasse sabendo que ele estava espiando suas coisas. A qualidade de seu sono já era, o desempenho com a banda caiu, no colégio, também — porém, paralela a tudo isso, a paixão dele por Juliette aumentava mais, sentia que não viveria sem ela. Tinha uma sensação de que ela o estava esquecendo, aumentando a sua desconfiança e o seu ciúme. Em sua cabeça, Elias era o ex-namorado com quem ela não queria voltar, mas sentia que ainda guardava algum sentimento por ele.

Chegava à casa dela de surpresa.

— Como vai, meu amor? — perguntava Juliette, notando as olheiras e sua feição abatida.

— Estou bem, apesar de certas coisas.

— O quê?

— Estou muito estressado esses dias, perdi a qualidade do sono e não sei o motivo, acho que estou com anemia.

— Oh, Khaleb, descanse. Vá para casa.

Passou a dormir a base de medicamentos. Sua saúde mental ficara deplorável.

Quinta-feira, daquela semana, sua aula de guitarra e teoria musical voltou das férias.Às cinco horas da tarde, seria a aula de teoria musical. Chegara mais cedo que o habitual. Encontrou com Bernardo.

— E aí, cara, beleza? — Bernardo cumprimentou Khaleb.

— Como vai, Bernardo, vamos comer um espetinho ali embaixo?

Havia um homem vendendo churrasco do lado de fora da academia. A academia ficava no primeiro andar do prédio. Desceram as escadas e foram ao encontro do vendedor.

— Por favor, um espetinho de frango. — disse Khaleb.

— Eu vou querer um de coração. — falou Bernardo.

Ambos tiraram cinco cruzeiros do bolso e pagaram o espetinho. Sentaram na calçada e ficaram conversando.

— Como está com a Juliette? — Bernardo perguntou de forma amigável.

Khaleb estava tão angustiado que não conseguiu fingir que estava tudo bem. Abriu-se para o rapaz.

— Estamos bem, Bernardo. Mas poderia me responder algumas coisas?

— Claro.

— Como era a relação de vocês?

Bernardo deu um suspiro, ficara alguns segundos calado e começou a falar.

— Era ruim, ela vivia me enchendo. Grudenta ao extremo, mesmo depois de terminarmos ela ainda me enche a paciência.

Khaleb engoliu seco o que ele disse. Então será que não era do Elias que ela gostava e, sim, do Bernardo? Iria à casa dela ainda hoje para saber a verdade. Perguntaria como quem não quisesse nada.

Os dois amigos continuaram lá fora conversando sobre bandas de *rock* até dar a hora da aula. Subiram, entraram na sala e sentaram-se à mesa. O professor entrou e a aula começou.

Quando acabou a aula, Khaleb despediu-se de Bernardo e foi andando em direção ao prédio de sua namorada. Chegando lá, apresentou-se à portaria e subiu para o apartamento dela. Ela mesma atendeu a porta.

— Oi, Khaleb! – cumprimentou-o com um beijo.

O rapaz entrou e foram para o quarto. Ela perguntou-lhe se havia melhorado da insônia. Ele respondeu-a que não. Conversaram mais um pouco e ele foi direto ao ponto.

— Juliette, você ainda gosta do Bernardo?

— Por que está me perguntando isso?

— Porque às vezes me parece, não sei, posso estar enganado.

— Não gosto mais dele.

Ele sorriu e beijou-a. Ela continuou perguntando:

— O que você fez hoje, mocinho?

— Hoje eu acordei mal humorado por ter que ver as mesmas caras nojentas que eu vejo há quase dois anos por mais um dia... Depois, fiquei passando a música que eu vou tocar no final do ano... Então, fui para a aula de teoria musical.

— Mas por que me perguntou se eu gosto do Bernardo ainda?

— Não sei, intuição minha.

— Intuição errada.

E morrera o assunto. Juliette levantou-se e foi para a cozinha pegar um lanche para os dois. Khaleb aproveitou para mexer em suas coisas e procurar algo novo. Não encontrou nada de diferente. Apenas leu as coisas que não havia lido ainda. Cada vez que lia as cartas, sentia uma pontada de angústia e de ciúmes, mas, mesmo

assim, quis continuar procurando. Por conta disso, sua vida estava indo de mal a pior. Decidiu que, no sábado, procuraria uma amiga sua de confiança para conversarem.

Saiu da casa dela eram quase onze da noite. Chegou à sua casa e ligou para sua amiga Gezebel. Marcou de ir à casa dela conversar sobre o que estava acontecendo. Gezebel era sua amiga quase-irmã, sabia praticamente tudo da vida de Khaleb. Era a melhor pessoa para conversar. Como Juliette não poderia sair com ele no sábado pelo ocorrido do dia do *show*, ele aproveitaria para ir lá. Sentia-se desgastado, seu corpo estava pedindo descanso. Não dormia bem fazia quase uma semana, estava se alimentando mal e com suspeita de anemia.

Chegou sábado e ele foi para casa de Gezebel às três horas da tarde. Saiu de casa à uma e meia, ela morava na baixada fluminense. Chegou em Duque de Caxias às duas e meia. Caminhou, até a casa dela, mais meia hora. Tocou a campainha. Escutou os passos dela para ir abrir a porta. Ela abriu.

— Oi Khaleb, que saudade!

— Gezebel, que saudade de você, preciso tanto conversar.

Eles se abraçaram forte. Ela o convidou para entrar. Ele entrou e sentou-se no sofá que havia na sala. Gezebel trouxe um chá de passiflora para eles tomarem.

— Então, Khaleb, diga-me o que está acontecendo?

Khaleb contou tudo desde o dia em que conheceu Juliette. Sobre as ligações que ela fazia a ele, sobre o seu envolvimento com ela. O pedido de namoro, a bebedeira dela, as desconfianças dele com o rapaz de Curitiba, até chegar a essa semana.

— Pode não ser nada, pelo que me parece, ela continua sendo bem simpática com você. Talvez seja só vergonha por sábado passado.

— Eu sinto que ela ainda gosta do ex dela de Curitiba.

— E você ainda gosta da sua ex, não é?

Khaleb disse que não com a cabeça.

— Não, Gezebel, eu estou em uma fase que ou é a Juliette ou não é ninguém.

— Que bom, então vá em frente.

— Eu estou com muito medo sabe, medo de sofrer como já sofri outras vezes.

— O mesmo medo de sempre, não é?

— Pois é.

— Ah, Khaleb, viva mais intensamente, sem medo. Se sofrer, dê a volta por cima, seja mais confiante, sabe, menos pessimista.

Khaleb tirou a carta que ele leu do bolso e mostrou para ela. Gezebel a todo o momento franzia a testa. Quando terminou disse:

— Agora as coisas mudam, não é achar, é ter certeza.

— Eu quero tanto ficar com ela.

Gezebel foi curta e grossa.

— Mas o que aparenta é que ela gosta e muito dele ainda. Se ainda guarda todas as cartas e as alianças de um mês e pouco, como ela está com você?

— Isso é mais antigo talvez. Minha amiga, me diga, o que eu vou fazer?

— Eu acho que a melhor coisa a se fazer é tentar ficar quieto, continue sondando sem ela saber.

— O pior é o fantasma da possível volta deles, no fim do ano ela se mudará para lá.

— De qualquer forma, aproveite os momentos.

Khaleb abraçou a amiga e colocou para fora todas as suas angústias. Chorou muito, quase a tarde inteira.

Eram seis horas da tarde quando saiu da casa dela. Decidiu que passaria no *shopping*. Foi em direção ao ponto de ônibus e lá pegou um que iria para o Leblon, mas parou frente ao shopping que tinha por lá. Entrou, foi andando em direção à livraria. Comprou um livro de autoajuda, ensinando como sobreviver às separações que a vida impõe. Olhou aquele livro na prateleira e pensou: "Mais cedo ou mais tarde, vou precisar disso". Pegou e dirigiu-se ao caixa. Custava oitenta cruzeiros. Pagou e foi para a praça de alimentação lanchar alguma coisa, pois estava com fome.

Andou mais um pouco e resolveu voltar para casa.

Chegou à sua casa e teve uma surpresa, Juliette estava em seu quarto, esperando-o.

— Oi, Khaleb.

— Amor, que surpresa, você por aqui.

— Aonde você foi?

— Livraria. Comprei uns livros.

Juliette adorava livros, perguntou-lhe qual.

— Um de autoajuda.

— É impressão minha, ou está deprimido esses dias?

— Não é impressão, eu estou sim. Acontece que eu não sou muito seguro da minha vida, muitas vezes eu deixo de fazer coisas por medo e vejo que isso atrapalha a minha vida, entende? E o único jeito que encontrei para superar isso é com esse livro... Claro que não será ele que irá me mudar, quem vai me mudar sou eu. Isso tem me martirizado muito ultimamente.

— Oh, Khaleb, por que tudo isso? Desde quando?

— Desde que eu entrei em meu colégio minha vida foi de mal a pior, e antes era boa. Eu sou diferente no meu colégio e eles costumam não aceitar pessoas diferentes. — Khaleb tentou falar o que realmente o afligia, mas preferiu ficar quieto, no momento certo ele falaria. Contou apenas metade do problema.

— Poxa, Khaleb, você fica tão lindo sorrindo. Não fique triste.

Juliette deu conselhos que sua avó costumava lhe dar. Colocaram um LP do *Pink Floyd* para escutarem e apagaram a luz. Foram para debaixo dos cobertores e ficaram abraçados, envolvidos com a música. Ficaram assim por um tempo, até que algo forte saiu do corpo de ambos. Sentiram algo os envolvendo, e as carícias começaram a esquentar. Estavam mais desejosos, suas roupas começaram a sair e ali tiveram a sua primeira noite de amor.

Terminaram e ficaram naquele estado de alegria plena por mais alguns minutos até que Juliette teve de voltar para casa. Despediram-se e a menina voltou para sua casa. Khaleb tomou um banho, escovou os dentes e deitou-se na cama. Ficou recordando os momentos que tiveram antes de ela ir embora. Demorou-se para dormir aquele dia, mas estava feliz outra vez. Voltou a ter certeza de que a Juliette o amava. Dormiu às três horas da manhã.

A felicidade que sentiu naquela noite foi apenas momentânea, pois logo voltou à angústia que sentia antes.

Certo dia. ligou para ela à noite, mas a menina estava estranha.

— Oi, amor.

— Oi, Juliette — respondeu sem brilho na fala.

— Tudo bem?

— Não muito, e você?

— Eu estou bem, o que houve com você?

Ela relutou em falar, mas de tanta insistência, falou apenas que estava com saudade dos amigos de Curitiba. Khaleb desconfiou que estivesse com saudade do Elias. Disse que iria desligar, alegando indisposição. Desligaram o telefone, e ele chorou outra vez. Tudo o que estava sentindo antes voltou à tona. Decidiu que iria procurar ajuda, mas ainda não sabia onde. Pela falta de sono do dia anterior, estava cansado e acabou dormindo cedo.

No dia seguinte, acordou com uma sensação esquisita. Sentia-se mole e apático. Era uma sensação de ter tomado uma anestesia e não conseguia sentir emoções. Não conseguia fazer nada, nem falar direito. Sua voz saía pesada. Foi para a aula e não conseguia sequer conversar direito. Seu semblante era de uma pessoa morta, não tinha emoções. Não conversou com ninguém, ficou parado em seu canto perdido em seus devaneios. Ficou assim a manhã inteira.

Depois da aula, ficou caminhando pelo bairro. Passou por ruas que nunca havia passado antes, entrou em becos e saiu em outros locais. Foi caminhando sem destino, até que parou frente a uma casa. Parecia uma casa antiga, mas havia pessoas entrando e saindo de lá. Em cima, havia um letreiro escrito *Casa Espírita Luz da Verdade*. Uma força desconhecida o puxou para dentro de lá.

— Boa tarde, em que posso ajudá-lo? — a recepcionista o atendeu.

— Eu não sei, estou perdido e preciso da ajuda de alguém, senão, eu acabarei enlouquecendo.

A recepcionista não disse nada, apenas mandou que o seguisse.

— Venha comigo.

Andaram por um corredor contendo várias portas. Algumas estavam fechadas, outras abertas. Apesar de estar escuro e ter um aspecto sombrio, Khaleb sentia uma paz em seu espírito. Caminharam até chegarem a uma porta ao final do corredor.

— Aqui. Agora você entra e espera que irão te chamar.

Entrou na sala e sentou-se em um banco. Ficou observando o local. Paredes brancas, algumas cadeiras colocadas aleatoriamente, uma janela na parte de cima da sala que fazia a luz do sol entrar.

Não demorou muito e uma senhora apareceu. Para sua surpresa, era a mesma senhora que ele encontrou no ônibus outro dia.

— Eu sabia que você viria. — respondeu a senhora com um sorriso no rosto. Puxou uma cadeira e sentou-se perto dele.

— Me chamo Maria Celeste, estou aqui para lhe ajudar. O que está lhe afligindo filho?

— Bom, há algumas semanas eu comecei a me sentir muito mal. Desconfio da minha namorada, ela guarda fotos do ex dela, guarda cartas... — Khaleb abriu o seu coração para aquela mulher que, a princípio, era uma desconhecida.

— Ah, não pode. Você é um rapaz jovem, bonito e saudável. Apenas teve uma infância difícil pelo que eu posso ver de você, mas não se preocupe, tudo passará, e, quanto ao passado, fique tranquilo, ela escolheu estar com você.

— Mas por que guarda fotos e cartas?

— O passado é o passado, mas algumas pessoas gostam de guardar as recordações. Você não tem um passado? Você o guarda dentro de sua memória, talvez ela queira guardar esse passado fora da memória.

Maria Celeste falou coisas bonitas e confortantes para Khaleb e a sua tristeza foi embora como um piscar de olhos. Khaleb nunca fora tão acolhido como naquele momento.

Quando terminou, Maria Celeste deu um abraço bem forte nele.

— Vá com Deus, volte daqui a algumas semanas para conversarmos outra vez.

Ela o encaminhou para o passe. Khaleb sentiu suas energias se renovarem naquele momento. Suas crises e inquietações foram embora, e ele voltou a ser aquele rapaz alegre e cheio de vida. Saiu de lá quando já havia escurecido. Pensou em encontrar Juliette, mas estava desgastado demais para isso. Decidiu ir para casa e ligar para ela.

Quando chegou à sua casa, a primeira coisa que fez fora pegar o telefone. Falaram-se por vários minutos.

— Oi, Khaleb, como foi o seu dia?

— Foi bom, Ju, fiquei em casa o dia inteiro, estudei um pouco.

Khaleb não contou nada do centro espírita, aquilo era o seu segredo. Fez um acordo consigo mesmo que iria parar de pensar

naquelas bobagens que o perturbavam, afinal, era apenas um ex-namorado, era passado e quem vivia de passado era museu.

Depois que desligara o telefone, Khaleb foi fazer um lanche. Sua mãe havia feito um bolo de limão. Estava com fome. Pegou um pedaço e foi para o seu quarto.

Terminou de comer, colocou *Whitesnake* para ouvir. Ficou ouvindo a música deitado na cama e esperando o sono chegar. Dormiu antes do primeiro lado do disco chegar ao fim.

Juliette acordou às seis e meia da manhã com sua mãe batendo em sua porta.

— Juliette, acorda, vamos para o colégio.

A menina levantou-se ainda sonolenta, escovou seus dentes, pegou o sanduíche que sua mãe fizera e foi para o carro, comeria indo para o colégio. Desceu pelo elevador até a garagem, entrou no carro e seguiu viagem com sua mãe.

Esther deixou Juliette frente ao colégio, a menina despediu-se da mãe, desceu do carro e seguiu para a sua sala de aula. O professor ainda não havia chegado, por isso, pode conversar com suas amigas. Marina já tinha chegado há muito tempo. As duas amigas se cumprimentaram.

— Oi, Mari.

— Oi, tenho programações para três semanas. Quer ouvir?

— Claro, conte-me.

— Para esse sábado, teremos festa na casa do Kiko. Para o sábado que vem, vamos viajar, acampar lá em Petrópolis; e, para o outro sábado, a festa do meu aniversário. E aí, o que me diz?

Juliette nem pensou duas vezes.

— Claro que sim, nossa, eu realmente estou precisando sair da rotina um pouco, vão ser terapêuticas essas semanas. Eu só vou falar com minha mãe, mas acho que ela deixa.

O professor chegou, as duas amigas tiveram que parar de conversar.

Passaram-se alguns dias sem nenhum acontecimento específico. Juliette estava realmente disposta a passear por três semanas seguidas. Pensou em Khaleb, ele não iria gostar disso, mas ela precisava desse tempo, estava confusa com as coisas, precisava colocar as ideias no lugar. Decidiu também ir à Curitiba ver o seu outro namorado. Ligou para Elias e decidiu que passaria quatro dias junto dele. Perderia algumas aulas, mas, de tanta insistência do garoto, ela acabara decidindo ir, tinha dinheiro suficiente para pagar a passagem de ida e volta, a estadia seria na casa de sua avó Alzira.

No primeiro sábado, Khaleb a chamara para ir à sua casa ou tomar um banho de mar, mas ela dissera que não poderia, pois sua mãe ainda não a havia liberado do castigo de ter bebido. Assim, fora para a festa do amigo da Marina à noite. Divertiu-se, há tempos que não curtia daquele jeito. Dançou, comeu salgados, bebeu, observou os garotos bonitos da festa, colocou para fora todo o estresse que ela vinha sentindo nos últimos tempos.

Na semana seguinte, sexta-feira, ela viajara para Petrópolis com sua amiga e os amigos dela. Ficaria lá até domingo. Khaleb, mais uma vez, a chamara para sair, mas ela deu outra desculpa, alegando cansaço, e pedira para ele ir em sua casa durante a semana. Mais uma vez, divertiu-se, acampou, passou a noite inteira acordada conversando em volta da fogueira, ouvira histórias de terror, olhara a luz da lua refletindo sobre o mar no meio da madrugada, às vezes, ia até a beira do mar e molhava seus pés para, logo em seguida, voltar à cabana com os amigos. Voltara no domingo, cansada, ligou para o Khaleb, que estava estranhando

tudo aquilo, mas não comentava nada, no momento certo, descobriria o que era.No outro sábado, seria o aniversário de sua amiga. Estava com as energias renovadas, só pelo fato de sair da rotina daquele jeito.

Alguns Dias em Curitiba

Na quinta-feira daquela semana, ela viajou para Curitiba. Às cinco horas da tarde, pegou um avião, chegando às seis e meia. Elias esperava por ela acompanhado de seu irmão Leônidas. Estava ansioso para ver sua amada saindo pelo portão do desembarque, até que, finalmente, apareceu.

— Juliette! — Elias acenou para a garota pudesse vê-lo.

— Elias!

Os dois abraçaram-se bem forte e deram um longo beijo. Elias matava a sua saudade, fazia três meses que não se viam.

— Que saudade que eu estava de você, meu amor. — dizia Elias, expressando todo o amor que um ser humano poderia sentir.

— Eu estava com muitas saudades de você.

Juliette, Elias e Leônidas foram caminhando para fora do aeroporto. Elias carregava a mala de Juliette e, até chegarem ao carro, abriu o porta-malas e colocou sua bagagem lá dentro. Entraram no carro.

— Oi, Juliette. — Átila, o irmão mais velho de Elias, e Leônidas iriam levá-los para casa. Juliette retribuiu o cumprimento e os quatro seguiram viagem para a casa de Elias, iria passar algumas horas lá para, depois, ir para a casa de sua avó Alzira. Átila dirigia, Leônidas ia no banco da frente e o casal no assento de atrás, matando a saudade.

— Eu não disse que voltaria? — perguntou Juliette, sorrindo.

— Ainda bem que te esperei.

— Não se preocupe, amor, em questão meses, eu estarei me mudando para cá.

Juliette viu um sorriso no rosto de Elias, que respondeu:

— Vem mesmo? Previsão para quando?

— Não sei ainda, minha mãe e meu padrasto estão em um processo de "não sei se me divorcio ou não", então, pode ser a qualquer hora.

— Entendi, então, de qualquer forma, vou ficar aqui te esperando.

Os dois amados deram um selinho.

Chegaram frente à casa de Elias, Átila saiu do carro. Abriu a porta da casa e os quatro entraram.

— Estou com fome — disse Juliette.

— Vamos jantar agora.

Juliette e Elias foram até a cozinha prepararem algo para comer. Preparam um sanduíche de presunto acompanhado de uma *Coca-Cola*. Faziam o lanche em silêncio, Elias estava curtindo a sua alegria de reencontrar sua amada, e Juliette, apesar de confusa,

estava gostando do desvio em sua rotina. Descansaria bem de quinta-feira até domingo.

Terminaram de lanchar e o casal foi para o quarto de Elias. Juliette tirou o tênis e os dois ficaram deitados.

— Senti tanta saudade. — desabafou Elias.

— Eu também, namorar à distância é tão complicado.

— Nem me fale, mas você vem logo, certo?

— Certo.

Juliette lembrou-se de Khaleb, que gostava tanto dela, e ela dele, contudo, infelizmente, ela teria de ir embora do Rio de Janeiro para não mais voltar e a relação seria rompida. Khaleb ficaria triste de início, mas, depois, esqueceria e arrumaria uma moça mais bonita, ficaria tudo resolvido para Juliette, a dor da separação é sempre inevitável, entretanto, no final tudo se supera.

O tempo foi se passando e chegou a hora de Juliette ir para casa de sua avó. Elias chamou Átila para levá-la ao carro e, também, sua mala.

— Ah, antes de ir, Juliette, está a fim de ir ao clube amanhã?

Átila lembrou-se que iria a um parque aquático com sua namorada e aproveitou para chamar Juliette e Elias.

— Ah, eu aceito. Vamos Elias?

Elias fez que sim com a cabeça e os três entraram no carro, Leônidas já estava dormindo e, por isso, não foi junto, teria aula no dia seguinte, estava estudando para passar em medicina.

Fizeram uma pequena viagem de cinco minutos até chegarem à casa de dona Alzira. Átila parou o carro, Elias tirou a bagagem do porta-malas, Juliette tocou a campainha e Alzira abriu.

— Vó, que saudade!

— Eu também estou com saudades! — as duas abraçaram-se forte. Elias colocou a bagagem dentro do quarto de visitas e foi despedir-se de Juliette.

— Tchau amor, até amanhã.

— Tchau.

Os dois despediram-se com um selinho e Elias saiu, prometendo buscá-la no dia seguinte para ir ao parque aquático. Juliette, como já estava cansada, conversou pouco com sua avó e foi se recolher. Tomou o seu banho e dormiu.

Acordou na manhã seguinte com seu namorado esperando-a na casa de sua avó. Elias conversava com Alzira na sala e Juliette passou por lá para ir ao banheiro escovar os dentes, aproveitou para cumprimentar Elias.

— Oi, amor, meu irmão foi só buscar a namorada e já está passando aqui para buscar a gente.

Juliette fez um gesto com a cabeça que dizia "entendi" e entrou no banheiro. Lá dentro, lavou o rosto e escovou os dentes, aproveitou para prender os seus longos cabelos encaracolados. Saindo de lá foi até a cozinha, pegou uma caneca de café, colocou uma fatia de presunto dentro do pão e foi ficar perto de Elias. Sentou-se ao lado dele e, enquanto comia, o garoto fazia carinho em seus cabelos.

Juliette terminou de comer e Átila chegou para buscá-los. Elias e Juliette despediram-se de Alzira, saíram pela porta e entraram no

carro de Átila. Sentaram-se no banco de trás e Átila deu a partida no carro.

— Oi, Elias! Oi, Juliette, prazer! — Camila, a namorada de Átila, se apresentou.

Os quatro foram em direção ao parque aquático.

Eram dez e meia da manhã quando chegaram, Átila e Camila saíram primeiro, depois, Elias e Juliette. Estava perto de junho e, naquele dia, já se podia sentir a chegada do frio. Ameaçava chover, e, caso acontecesse, o frio permaneceria e só iria embora em setembro.

Entraram e foram logo escolher uma mesa para se sentarem e colocarem os seus pertences.

Durante o restante da manhã Elias e Juliette separam-se de Átila e Camila, ficaram afastados, encostaram em uma árvore — ficaram namorando e conversando.

— Simpática, a namorada do seu irmão. — disse Juliette.

— Ah, a Camila é uma boa pessoa mesmo.

— Pelo visto, quando eu vier morar aqui estarei em boa companhia.

— Claro que estará, lá em casa você é e sempre será muito bem-vinda, e não esqueça-se que minha mãe é sobrinha da sua avó, ou seja, sozinha você não estará aqui.

— É tão bom saber que não estou sozinha. — Juliette sorriu e beijou Elias.

— Vamos descer do tobogã? — perguntou Elias.

— Vamos.

Entraram na fila para o tobogã e esperaram por sua vez.

Na hora do almoço, os quatro se reuniram novamente. Almoçaram, descansaram um pouco e voltaram a se divertir nos brinquedos até chegar a hora do parque fechar.

Às cinco horas da tarde, anunciaram que o parque fecharia, os quatro guardaram seus pertences e foram em direção à saída. Da saída, foram em direção ao carro.

Átila viajou por mais ou menos trinta minutos até chegar à casa de Juliette.

— Ficarei um pouco com ela, mais tarde volto sozinho. — Elias quis ficar mais um pouco com Juliette. Átila fez que sim com a cabeça e Elias desceu do carro junto com a namorada. A moça foi direto ao banho tirar o cloro que estava no seu corpo e Elias ficou esperando em seu quarto.

Os dois aproveitaram para assistir a um filme. Lancharam, ficaram abraçados e nem viram o tempo passar. Nem perceberam quando Alzira chegou. Elias, vendo que o tempo havia se passado, resolveu ir para casa, prometendo voltar no dia seguinte. Juliette abriu a porta para ele, os dois se despediram e Elias saiu.

Juliette sentou no sofá e Alzira apareceu para fazer companhia à neta.

— Como foi o dia? — perguntou Alzira.

— Foi ótimo, vó.

— Namoraram bastante? — gracejou Alzira.

— Ah, normal, como todo casal. — respondeu Juliette, envergonhada.

— Elias é um ótimo garoto, fico feliz de vocês estarem se dando bem.

— Obrigada, vó... Logo eu vou morar aqui e vai ficar mais fácil levar esse namoro... Estou muito cansada, acho que vou dormir.

— Vá, menina, até amanhã.

— Boa noite, vó.

— Boa noite.

Juliette entrou em seu quarto e deitou-se na cama. Estava muito cansada e, por isso, dormiu rápido.

O dia seguinte estava nublado e frio. Elias já estava esperando por ela. Não havia nada programado, porém, Elias queria estar com ela o dia inteiro, afinal, na manhã seguinte, ela iria embora. E, assim, passou o dia, o casal assistiu a alguns filmes, comeram brigadeiro, ficaram abraçados sem dizer nada um para o outro. Depois deram uma saída, foram caminhar pelo bairro. O dia deles fora praticamente esse.

— Provavelmente, daqui a um mês eu venha para ficar.

— Que bom, vamos poder namorar melhor, sem essa distância nos impedindo.

— Tenha paciência, Elias, vai dar tudo certo.

No dia seguinte, Juliette pegou um avião para voltar ao Rio de Janeiro. Átila e Elias foram com ela. Elias estava triste, e Juliette tentava consolá-lo, dizendo que, em pouco tempo, estariam juntos novamente. Juliette entrou pelo portão de embarque e sumiu dos olhos de Elias e Átila. Sentou-se no banco e ficou esperando o seu voo ser chamado. Sentiu saudades de Khaleb, descobrindo que gostava muito dele. Pela primeira vez, lamentava o fato de ir embora do Rio de Janeiro. Às vezes, perguntava-se por que estava

indo, outras vezes, lembrava-se dos seus amigos de infância e sentia saudades. De qualquer forma, apesar de gostar da idéia, era da sua mãe essa decisão.

O vôo de Juliette sairia dali apouco e as pessoas que trabalhavam no aeroporto chamaram na para o embarque. Juliette entrou no avião e, dentro de meia hora, iniciou se o vôo que a levaria de volta à cidade do Rio de Janeiro. **Não Diga Uma Palavra!**

Os dias passaram-se sem nenhum acontecimento específico. A rotina era a mesma. Aula pela manhã, estudar à tarde e, à noite, Khaleb e Juliette se encontravam, às vezes à portaria do prédio dela, outras vezes, ela convidava-o para subir, porém, eles nunca mais haviam saído no final de semana. Esquivava-se dele, algo de errado estava acontecendo. Khaleb combinava de ir ao cinema, ou apenas ir ao *shopping*. Ela aceitava, e quando chegava o dia, desmarcava. Apenas quando Khaleb ia à casa dela eles se viam, contudo, a garota permanecia distante e apática. Os efeitos benéficos do passe e as palavras de Maria Celeste tiveram efeito nas primeiras semanas, mas, ao passar do tempo e dos acontecimentos, voltou a ser aquela pessoa desconfiada. Algo intrigava-lhe, Elias não era um simples ex-namorado, algo dizia que ela ainda gostava dele e que, quando fosse embora do Rio de Janeiro, eles voltariam a namorar.

Um mês se passou nessa rotina de se verem apenas quando o Khaleb a procurava. Decidiu que não poderiam mais ficar assim. Foi até a casa dela.

— Oi, Khaleb, Juliette está no quarto, entre, por favor. — Esther o recebeu. Khaleb aproximou-se do quarto dela e abriu sem bater. Ele pôde ver claramente que Juliette estava lendo algo com a caixinha das cartas no colo, e quando ele abriu, ela levou um susto, guardou a carta no bolso sem dobrar e tampou a caixinha. Khaleb fingiu não ter visto.

— Oi. amor, quis fazer uma surpresa. Tudo bem?

— Não, meus pais vão se separar. Ele tinha uma amante.

Khaleb lamentou por ela.

— Sinto muito, querida.

Ela o abraçou e começou a chorar. Khaleb tentou acalmá-la, dizendo-lhe frases confortantes e motivadoras, era tudo em vão, Juliette estava bastante desequilibrada para escutar qualquer coisa que a fizesse melhorar. Esther chamou Juliette para conversarem. Ela e os pais.

— Khaleb, você me espera aqui? Eu já volto, prometo não demorar.

Deu um beijo nele e saiu apressada pela porta. Sem perceber, deixou cair do bolso o que estava lendo. Khaleb olhou, esperou que saísse e pegou a carta. Aproveitou para ler as outras que estavam na caixinha.

A conversa da Juliette com seus pais durou aproximadamente uma hora. Eles estavam decididos a se separar. A garota havia chorado muito, mas já se acalmara.

A conversa finalmente acabou, então, voltou para o quarto. Encontrou Khaleb escorado na janela.

— Khaleb?

Ele se virou, e ela notou que havia chorado muito.

— Meu amor, o que aconteceu? — abraçou-o enquanto perguntava o que havia acontecido. Ele não disse nada, apenas esquivou-se de seu abraço. Havia ódio em seus olhos.

— Khaleb, o que você tem? Por que está me olhando assim?

Sem dizer nada, Khaleb puxou o cobertor da cama. Estavam todas as cartas de Elias para ela. Ele havia lido todas, principalmente a última, em que ele dizia que estava feliz por estarem fazendo quatro meses de namoro. Leu também a resposta dela, que dizia o quanto ela o amava e sentia a sua falta.

— Com que direito você olha as minhas coisas?

Ele pareceu não ter ouvido a indignação da menina.

— Então, você namorava comigo e com ele ao mesmo tempo? Explique isso, eu não estou entendendo. Fiz isso porque estava desconfiado... Uma vez vim aqui, você não sabe disso, iria te fazer uma surpresa, mas o correio chegou e entregou uma carta destinada a você. O porteiro pediu que a trouxesse para você, afinal, estava vindo pra cá. Olhei o nome e fiquei curioso... Abri a sua carta e me arrependi, ele estava se declarando para você, eu passei esse tempo todo acreditando que ele era o seu ex-namorado que queria voltar e você não, mas sabia que algo estava errado, passei a olhar suas coisas e tinha uma certeza de que você ainda alimentava algum sentimento por ele. Agora, depois de olhar todas essas cartas, eu sei a verdade. Ele não é seu ex-namorado, certo? Vocês também estão juntos... Fale a verdade!

Juliette ficou um tempo sem dizer nada, apenas olhando para o chão sem saber como e o que lhe dizer, até que saiu, de forma cruel, a verdade.

— Sim, eu namoro você e o meu primo.

Apesar de ele saber a verdade, doeu muito ouvir isso dela. Khaleb não disse mais nada, apenas pegou suas coisas e foi embora da casa dela.

— Khaleb, me espere, me deixe explicar.

— Não tenho mais nada para falar com você.

Juliette ainda tentou explicar-se, ele não queria ouvir mais nada. Saiu pela porta e desceu correndo pelas escadas. Juliette foi para o seu quarto e começou a chorar. O que ela mais temia aconteceu. Gostava do Khaleb, não sabia por que estava namorando Elias, talvez porque ela iria voltar para Curitiba e, para não ficar sozinha, quis mantê-lo para si. Pela primeira vez, sentira a gravidade dos seus atos, mas pensou que logo ele a esqueceria e passaria a odiá-la, ela voltaria para Curitiba e namoraria Elias, mesmo assim, sentia que havia perdido aquele rapaz que tanto a amava.

Khaleb saiu da casa dela sem saber para onde ir. Estava visivelmente descontrolado. Não sabia se procurava Gezebel, ou se ficava andando pelas ruas. Como foi capaz de enganá-lo todo esse tempo? Então, as desconfianças dele estavam certas, terminara de montar o quebra-cabeça. Descobriu que eles começaram a namorar quando ela viajou para Curitiba, assim que terminou com Bernardo, e que Khaleb estava sendo, além de namorado, um amante. A verdade doeu. Elias não era ex-namorado coisa nenhuma, era atual. Mais uma vez, ele havia pensado que aquela era a garota certa, e se decepcionou. O que iria fazer a partir de agora? Não podia negar que ainda a amava muito. Antes, ela era o motivo da alegria dele, agora, era o oposto. Sem perceber, Khaleb chegou à beira da praia. Havia umas pedras na areia e um pequeno lago formado pelas ondas. Khaleb aproximou-se e viu o seu reflexo na água. Estava abatido, com olheiras, e magro.

Saiu de lá e continuou andando, desta vez, parou em um bar. Quis beber. Por sorte, encontrou seus amigos sentados à mesa. Estava lá uma colega de Juliette. Ele aproximou-se e perguntou se poderia se sentar.

— Claro, Khaleb, sente-se!

Pediu uma cerveja, depois mais uma, mais e mais, até ficar bêbado. Conversou com Marina, amiga de Juliette. Chorou no ombro dela, acabavam de se conhecer, mas já sentia um enorme carinho por ela. Adotou-a como prima. Os dois foram para a beira da praia. Khaleb contou tudo. Marina confirmou que Juliette namorava um rapaz de Curitiba, mas não sabia que namorava Khaleb ao mesmo tempo. Pensava que eram amigos. Marina falou para Khaleb que iria conversar com ela a respeito, e que ele deveria parar de beber, pois já estava visivelmente bêbado.

Voltaram para o bar, Khaleb pagou a conta e voltou para casa. Em casa, apenas deitou-se na cama e dormiu. Logo em seguida, mergulhava em outra imagem. Estava no século XVII, a julgar pelas roupas. Escutava uma conversa atrás da porta, mas fora interrompido quando o homem que estava do outro lado da porta saiu com ódio nos olhos. Quando este homem avistara Khaleb, deu um tiro em seu peito e ele caiu inanimado no chão. Acordou assustado, porém, percebera que era somente um sonho e voltou a dormir.

Paixão e Sofrimento

Juliette acordou com sua mãe batendo à porta e chamando-a para ir ao colégio. Estava cansada, sua vontade era de ficar dormindo. Levantou-se, espreguiçou-se e foi para o banheiro tomar um banho e escovar os dentes.

Fazia alguns dias que Khaleb sumira. Ele não a procurava mais, não ligava, e ela não tinha coragem de procurá-lo. Para ela, ele já a tinha esquecido e arrumado outra. Lamentou-se por ter acabado dessa forma, pois tinha uma grande consideração por ele, amava esse garoto. Esperava, de coração, que ele a perdoasse algum dia. Nunca havia sentido remorso antes por nenhuma atitude cometida, mas seu orgulho era muito maior a ponto de não procurá-lo para pedir perdão.

Juliette saiu do banho e foi se arrumar. Vestiu o uniforme do colégio e foi para a garagem do prédio com a mãe. Seguiu viagem.

Chegou ao colégio alguns minutos após ter começado sua aula. Entrou na sala de aula e sentou-se perto de Marina. As duas se cumprimentaram.

— Quero falar com você depois. — Marina disse a Juliette.

— Eu também, aconteceu uma coisa péssima nesse feriado.

A aula começou e as meninas ficaram prestando atenção.

Na hora do intervalo, as duas amigas saíram da sala e foram para a cantina comprar algo para comer. Juliette, antes de Marina

começar a contar que conhecera e conversara com Khaleb, começou a contar tudo. Contou que, ao mesmo tempo que namorava Elias, começou a sentir algo a mais por Khaleb, mas não tinha coragem de terminar com nenhum dos dois, por isso, levou os dois namoros de forma paralela, sem cogitar a possibilidade da desconfiança de algum dos dois.

— ...e aí eu não sei o que eu vou fazer, magoei um cara bacana, estou enganando outro cara bacana, posso acabar perdendo os dois e acabar sozinha, e aí, eu não vou me perdoar mesmo.

Marina escutou tudo atentamente, quando Juliette terminou de falar, começou a dizer:

— Eu o conheci.

Juliette olhou para ela, surpresa.

— Como?

— Eu o conheci no dia em que ele descobriu a verdade. Estava descontrolado, dava para ver que havia chorado muito. Sou amiga de alguns amigos dele, e, por isso, acabamos nos conhecendo. Ele bebeu muito, e falou tudo... Ele gosta muito de você, está magoado.

Juliette sentiu uma ponta de culpa.

— Droga, por que não fui mais cautelosa?

— Escreva uma carta para ele, se não consegue encará-lo, escreva.

— Pode deixar, é uma boa ideia.

Tocou o sinal e as amigas voltaram para a sala. A aula continuou.

Terminada a aula, a mãe de Juliette estava na frente do colégio para buscá-la. Voltou para casa.

Chegando à sua casa, depois de almoçar, pegou um papel e uma caneta. Começou a escrever.

"Khaleb, por onde começar? As palavras me saem, então...

Hoje encontrei-me com a Marina, a menina que você conheceu, ela te encontrou no bar, bêbado e falando coisas, você ainda gosta de mim? Se isso é verdade, eu não sei, apenas estou preocupada, beber não é a melhor solução, eu que o diga.

Desculpe-me por tudo, desculpe por não ter te contado a verdade, desculpe por você descobrir a verdade dessa forma, desculpe-me por tudo.

Eu não sei o que aconteceu com você, mas, por favor, me responda, nem que seja para me xingar, me responda.

Eu preciso saber apenas se você está bem. Eu não quis te telefonar, por favor, me responda."

Terminou de escrever, dobrou a carta e colocou-a dentro de um envelope. Escreveu apenas o seu nome, mais tarde, iria até a casa dele e entregaria ao porteiro do prédio. Pegou um livro e ficou lendo, leu a tarde inteira.

Eram cinco horas da tarde, a mãe de Juliette fez um lanche e entregou para ela numa bandeja em seu quarto. A menina agradeceu e a mãe saiu. Juliette comeu o bolo e tomou o suco de abacaxi que a mãe fizera. Decidiu que entregaria a carta para o Khaleb naquele momento. Pegou suas coisas e desceu. Andou em passos largos, ansiosa para chegar logo, e chegou. O porteiro a abordou.

— Pois não?

— Por favor, queria que deixasse essa carta no setecentos e quatro.

O porteiro pegou a carta e colocou-a no escaninho do apartamento de Khaleb. Juliette estava indo embora, mas algo dentro dela se rompeu e ela preferiu ficar por lá. Não sabia se chamaria por ele ou não. Decidiu que ela mesma entregaria a carta. Foi até o porteiro e pediu-a de volta, disse que ela mesma iria lá entregar. Entrou, pois, no elevador. Parou no sétimo andar, abriu a porta do elevador e foi até o apartamento dele. Colocou a carta debaixo da porta, tocou a campainha e se escondeu. Escutou alguém abrir a porta e pegar a carta que estava no chão. Suspirou aliviada, sabia que ele iria ligar. Decidiu voltar para casa.

Fazia cinco dias que Khaleb descobrira toda a verdade. Estava decepcionado com Juliette, e não queria falar com ela ou vê-la. Tentava fazer coisas para se distrair e se animar, tudo em vão. Durante o dia, saía, assistia a *shows* de bandas que estavam iniciando carreira, bebia todos os dias. Numa dessas baladas, encontrou um colega seu com quem havia estudado na sétima série.

— Renato, há quanto tempo. O que está fazendo por aqui?

— Creio que o mesmo que você.

Os velhos amigos se cumprimentaram e foram beber uma cerveja. Renato contou que estava querendo formar uma banda, apresentou-lhe dois amigos, Leonardo e William, os quatro beberam juntos. Decidiram montar uma banda. Khaleb, apesar de participar de uma, aceitou participar da outra também, trocaram telefones.

Os outros dias se passaram com ele trancado dentro do quarto, deprimido. Às vezes, recusava-se a comer, chorava o dia inteiro. No quinto dia, conseguiu reagir melhor. Foi, pelo menos, ao colégio. À noite, a mãe dele bateu à porta e entregou a carta de Juliette. Khaleb

leu-a umas três vezes, mas decidiu não ligaria como ela lhe havia pedido.

Meia hora depois, o telefone tocou, era ela. Decepcionou-se por ele não ter ligado. De tanto esperar, ela mesma ligou.

— Khaleb, me perdoa.

Khaleb ficou mudo, ela continuou.

— Eu sei que eu errei, eu sou uma burra. Se quiser me xingar, fique à vontade, sei que mereço.

Khaleb falou com uma voz calma.

— Não vou te xingar, eu te amo. Apesar de tudo, eu ainda te amo.

Juliette não esperava por essa resposta.

— Eu ando cheio de problemas pessoais, eu não teria dado certo com ninguém daqui nem de lá, além da distância, estou me mudando, ah, cara, estou arranjando desculpas, sim. Eu não mereço o seu amor nem nada. Ah, eu preferia que você falasse mal de mim, prefiro isso, à sua indiferença.

— Tudo bem, você sabe o que faz da vida. Eu só queria que você tivesse confiado mais em mim, eu estaria aqui para o que você precisasse, já que não demos certo, eu queria apenas a sua amizade, e você?

— Lógico que eu quero a sua amizade, eu não esperava ouvir isso tudo de você. Acredite, estou muito arrependida do que fiz, espero não te perder, nem perder o seu amor.

Khaleb não se segurou e chorou.

— Juliette, vou desligar agora, preciso ir dormir, tenho aula amanhã.

— Está bem, durma bem.

Desligou o telefone. A conversa com Juliette mexera com Khaleb. Estava começando a melhorar, porém, conversar com aquela por quem ele ainda estava apaixonado o perturbou. A partir daquele dia, parou de se alimentar e entrou em depressão profunda.

Semanas se passaram e Khaleb mergulhou em uma vida desregrada. Durante a semana ia para o colégio, mas ficava na aula apenas de corpo presente. Esperava sexta-feira e ia para o bar. Bebia a noite inteira, passou a fumar compulsivamente.

Às vezes, Khaleb lembrava-se daquela bondosa senhora que o acolheu, Maria Celeste. Procurou por ela mais uma vez para tentar melhorar, mas, desta vez, as palavras dela não surtiram tanto efeito como da primeira vez, contudo, gostava de conversar com ela. Apesar de terem tido dois encontros, já sentia um afeto por ela, amava aquela mulher como se fosse sua segunda mãe. Ela mostrou-lhe um carinho e uma preocupação que poucas pessoas mostraram por Khaleb, e isso fazia dela uma pessoa especial para ele, uma espécie de anjo da guarda na Terra.

Algumas vezes, Juliette ligava para ele, e falavam-se por horas a fio. Às vezes, ele ligava para ela. Continuaram amigos. Khaleb perguntava como estava com Elias. Apesar de magoado, queria o bem dela, se ela estivesse feliz do jeito que estava, melhor para ela, não havia amor possessivo da parte dele.

A única coisa que ainda lhe dava prazer era a música. Khaleb não faltava às aulas de guitarra nem de teoria musical por nada. A música era o seu refúgio, aonde ele conseguia esquecer-se de seus problemas. Lembrou-se de seu amigo Bernardo, ele estava um bom tempo sem comparecer às aulas. Khaleb ficou intrigado com isso,

Bernardo era um bom amigo, por isso decidiu ligar para a casa dele depois.

No entanto, não houve necessidade, pois, naquele exato momento, seu amigo apareceu.

— Bernardo, você sumiu, como vai, meu amigo? — perguntou Khaleb.

— É, eu sumi, problemas... Cara, o que aconteceu com você? Você está pálido, está magro.

— Ah, Bernardo, também tive muitos problemas, depois eu te conto, quero saber o que houve com você.

— Ah, cara, é muito ruim, eu estou namorando... Estive pior, só agora que eu melhorei.

— Por quê? Não está bem com sua namorada?

— Sim, estou, o nosso amor é puro, é o que eu procurava, mas há um problema que não se pode conter, ou reter... Infelizmente.

— Conte pra mim, quem sabe eu possa te ajudar.

— Não, não quero ficar relembrando isso... É ruim, e ajudar, já me ajudando, você não poderia fazer nada, é algo da própria vida, não é sentimento, ou situação desagradável...

— Bom, você é quem sabe, saiba que pode contar comigo, meu amigo Bernardo.

— Que bom, Khaleb, quero que saiba que você também pode contar comigo... Ando triste, esses dias, e acabo escondendo o que penso.

— Eu também estou muito triste, que nem consigo dormir direito.

— Perdi parte de mim há muito tempo e sonhei, na verdade, sonho isso todos os dias desde a semana passada, e isso está me atolando.

— Que parte é essa? — perguntou Khaleb curioso.

— A namorada, de quem a Juliette me privou.

— A tal da Laura?

— É, ela mesma, a Juliette me beijou em um *show* quando eu estava caindo de bêbado.

Khaleb então entendeu o porquê de tanto ódio de Bernardo para com Juliette.

— Tente conversar com ela então. — disse Khaleb.

— Não, já estou cansado de destilar ódio por essa ignorante.

— Não precisa odiar a Juliette, ela simplesmente está passando por uma fase difícil na vida dela, a mente dela deve estar muito turbulenta... Eu rezo para que um dia ela amadureça, isso é tudo o que mais quero.

— Vamos parar de falar dela, já estou me irritando, ela me tirou muitas oportunidades boas... Agora, eu quero a minha namorada.

Khaleb preferiu não conversar com ele sobre Juliette, Bernardo estava tão desequilibrado quanto ele. Neste dia, os dois amigos não assistiram a aula, ficaram do lado de fora conversando até o pai de Khaleb passar por lá para buscá-lo, iriam jantar no Mc Donald's. Antes de ir, Khaleb fez um convite ao Bernardo.

— Vamos a um *show* semana que vem?

— Não sei, quem sabe. Eu não tenho tido muita disposição nos últimos dias, mas verei.

Khaleb entrou no carro e deixou Bernardo esperando lá fora.

Passou-se um mês do rompimento dos dois. Juliette continuou namorando Elias à distância, e ele não desconfiava do que havia acontecido. Khaleb virara alcoólatra e Juliette, apesar de carregar um peso de ver o ex-namorado e amigo se degradar daquela forma, viveu sua vida normalmente.

Certo dia, depois da aula, Juliette ligou para Khaleb, mas ninguém atendeu. A ligação caíra na secretária eletrônica. Ela deixou uma mensagem dizendo:

"*Infelizmente, o amor deixa uma mancha. Oh, Khaleb, acredite, foram muitas as pessoas que me falaram isso. Sinto sua falta, sabia? Hoje eu te liguei, mas você não atendeu, era para te chamar para me ver depois da aula. Dê sinal de vida, te amo.*"

Khaleb, quando ouvira a mensagem, se sentiu bem. Isso mostrou que ela se importava com ele, que gostava dele de alguma forma. Pensou em ligar para ela, mas preferiu não fazer isso, sabia que, mais tarde, ela ligaria. Resolveu tirar um cochilo de algumas horas.

Acordou com o barulho da secretária eletrônica. Estava com sono, mas ainda assim conseguiu ouvir o recado de Juliette:

"*Khaleb, amanhã eu quero ficar com você o dia inteiro. Podemos nos encontrar? Depois de amanhã estarei indo embora para Curitiba de vez. Quero me despedir de você*".

Imediatamente, Khaleb levantou-se e tirou o telefone do gancho, ela ainda estava na linha.

— Como assim? — perguntou o rapaz surpreso com o que havia escutado.

— Eu vou.

— Por que não fica mais?

— Foi decidido ontem, eu chorei de alegria, estou feliz em ir embora.

— Entendo, nunca gostou daqui, não é?

— Nunca.

— E vai ficar com o seu primo, não é?

Juliette não respondeu, sabia que a resposta iria machucá-lo, e não queria que isso acontecesse, apenas respondeu.

— Eu te amo, isso é o que importa.

Khaleb entendeu o que ela quis dizer, mas não disse nada, apenas:

— Amanhã eu te encontro depois da sua aula.

— Está bem, te amo.

Khaleb desligou o telefone, agora, sim, tudo acabou de vez. Suas chances de ficar com ela acabaram. Ela voltaria para Curitiba e ficaria com aquele tão odiado rival. Não o conhecia, e já o odiava. Foi dormir para curtir o último dia com aquela pessoa que ele tanto amava.

Acordou no dia seguinte ansioso. Tomou apenas um copo de café e foi para o colégio. Na aula, não prestou atenção em nada do

que o professor dizia, apenas contando as horas para terminar e ir embora. Terminada a aula, pegou um ônibus e foi para o colégio de Juliette. A aula dela já havia acabado quando chegou. Os dois se abraçaram forte, estavam com saudades.

— Vamos para algum lugar.

— Que tal aquele gramado ali? — apontou com o dedo.

Havia um gramado um pouco longe do colégio dela, foram para lá. Deitaram, fizeram suas mochilas de travesseiro e ficaram calados. Abraçaram-se.

— Vou sentir muito a sua falta Khaleb, você vai me visitar?

— Farei o possível.

Os dois trocaram bilhetes, lembranças. Juliette deu um colar para ele de lembrança e ele deu um cartão dizendo "*Sentirei saudades*". Dentro do cartão, cobriu todos os espaços em branco com "te amo". Ela guardou e disse:

— Vou guardar com muito carinho, para lembrar que eu conheci um garoto maravilhoso enquanto estive aqui.

Sem saber porquê, Juliette começou a chorar, aquele clima de despedida estava mexendo com ela. Nunca esteve tão mexida em uma despedida, sentia muito por tê-lo feito sofrer tanto. Khaleb também sentia que estava se despedindo dela para sempre. Ela sentia que nunca mais o veria, e ele sentia que a perdera para o outro. Khaleb deu também uma fita para que ela escutasse, com músicas românticas. Continha seis músicas, baladas românticas, e, por último, uma música de Khaleb tocando violão, uma música que ele havia feito para ela, chamava-se "*Minha Juliette*". Khaleb entregou-lhe um papel para ela também com a letra da música. Dizia assim:

"Você ainda pode se lembrar?

Aquelas tardes que ficamos juntos.

Assistindo ao sol se pôr, brilhando no horizonte.

E brilhando em seus olhos também.

Aquele momento em que me abraçou, não voltará mais.

Deixando-me uma saudade, que só Deus sabe.

Um momento de sua vida foi meu, eu me lembrarei disso todos os dias.

Minha Juliette.

Por que você está indo embora?

Um pedaço de mim

Está indo embora também.

Meu amor

O que eu farei aqui sem você?

Sem seu sorriso e sua boca

Sem o seu cabelo

Minha Juliette.

Eu sento aqui agora, para tocar minha guitarra.

E me lembro de você naqueles dias.

Agora a vida me impôs um desafio.

O de viver sem você".

Juliette agradeceu pelos versos, seu coração estava cheio de remorso, abraçou-o fortemente, dizendo que o amava, que iria esperar por uma visita. Ficaram naquela posição durante a tarde inteira, com o coração apertado de dúvidas e medos do futuro.

Já estava escurecendo, e a hora chegando. O coração dos dois estava mais e mais apertado. Juliette não parava de chorar, não só pela despedida. Parecia um prenúncio de desgraça. Algo terrível aconteceria, mas ela não sabia precisar o que era. Com voz de choro, falou:

— Khaleb, não me esqueça, eu te amo, me busque um dia.

Khaleb não dizia nada, chorava muito. Sabia que ela não gostava dele do jeito que ele desejava, ela estava confundindo as coisas. Ele a perderia, sentia isso. Não resistiu e a beijou na boca. Ela cedeu, porém, no meio do beijo, disse-lhe:

— Isso não está certo.

— Por quê? Por causa do Elias?

Ela fez que sim com a cabeça, e ele continuou:

— E daí, você se importa com isso?

Ela não disse mais nada, apenas continuou correspondendo aos beijos dele. Beijaram-se por quase um quarto de hora, quando a mãe da Juliette passou no colégio dela para buscá-la. Ele foi até o carro, a deixou lá, e com o coração apertado despediu-se da sua amada para sempre. Juliette ainda chorava vendo a imagem de

Khaleb desaparecendo pelo retrovisor. Naquele momento, ela seguia para uma nova etapa de sua vida.

Khaleb também chorava. Apesar de tudo, apesar de ela tê-lo enganado, ele ainda a amava. Tudo acabara, agora ela estava indo para ficar com outro. Ele corresponderia aos beijos dela, aos abraços, Khaleb não sabia se teria estrutura para suportar essa dor. Perdeu a vontade de viver, não faria mais sentido. Queria dar um jeito de acabar com isso.

Começou a caminhar de volta para sua casa. Andava a passos lentos e com a cabeça baixa. Vez por outra, caía uma lágrima de seus olhos. Foi aproximando-se de seu prédio, olhou para o mar, para a praia, para os quiosques que havia lá por perto. Passou no quiosque e comprou um maço de cigarros.

Foi para o seu apartamento, entrou no quarto e trancou a porta. Não havia ninguém em casa. Khaleb acendeu um cigarro. À medida que um ia acabando, ele acendia outro, até não aguentar mais. Lembrou-se que sua mãe guardava uma caixa de remédios em algum lugar. Abriu a porta do quarto, foi em direção ao quarto de seus pais e começou a procurar pela caixa. Encontrou-a debaixo da cama. Pegou a caixa e voltou para o seu quarto. Continha vários medicamentos, analgésicos, relaxantes musculares e alguns de tarja preta. Abriu o primeiro vidro, colocou todos os comprimidos na mão, levou até a boca e engoliu todos. Abriu o segundo, era um indutor de sono, tirou todos da cartela e fez o mesmo. Tomou todos os comprimidos que tinha lá dentro, bebeu todos os xaropes que encontrou, só parou quando percebeu que havia ingerido todos. Guardou a caixa debaixo de sua cama, apagou a luz e deitou.

Minutos depois começou a se sentir estranho, seu corpo parecia não responder mais aos comandos, sua mente estava confusa, havia perdido a noção da realidade. Começou a ter convulsões e a vomitar sangue. Não havia ninguém em casa para

socorrê-lo. Khaleb levantou-se da cama, foi ao banheiro, que havia em seu quarto, vomitar, no entanto, não estava mais conseguindo andar. Precisou rastejar-se até o vaso sanitário. Terminou de vomitar, mas não melhorou. Ficou tremendo por um bom tempo até que não aguentou mais e parou. Estava deitado no chão do banheiro, com a roupa suja de vômito e sem conseguir se mover. Sentia sua vida se esvair a cada respiração. Lembrou-se de tudo, de Juliette, sua banda, seus amigos, de como sua vida transformara-se nos últimos meses, de como ele pensava que seria feliz, que teria encontrado a garota dos seus sonhos. Lembrou-se de Deus, do Deus que seus pais viviam falando. Por que Ele havia deixado que sua vida se transformasse no que se transformou? Definitivamente, Deus não existia.

Não soube precisar por quanto tempo ficou naquela situação. Começou a sentir uma sonolência e perdeu os sentidos.

Acordou em um quarto, desorientado. Sua cabeça estava confusa, Khaleb tentou recobrar a memória, os últimos acontecimentos, e se deu conta de que estava em uma cama de hospital. Não sabia se estava vivo ou morto, a última lembrança era de ter ingerido todos os remédios que havia em sua casa, e o resultado da superdosagem o fazia delirar. Via pessoas com o rosto deformado, acusando-o, rindo dele, o chamando de covarde e de suicida. Viu Juliette entrando pela porta daquele quarto com o seu primo Elias, ambos de mãos dadas. Elias beijava Juliette na boca, dizendo:

— Agora que você voltou, vamos nos casar.

E Juliette sorria, retribuindo às carícias de seu primo. Khaleb sentia-se torturado com aquela cena, tentava gritar, mas a sua voz não saía, tentava se levantar, mas não tinha forças para isso. Parecia que estava em um pesadelo eterno. Depois viu-se em outro cenário, estava dentro de uma casa, e Juliette entrava pela porta e o

cumprimentava com um beijo nos lábios, mas ele percebia que não era ela. De repente, ela se transformava em um homem e começava a rir dele, para, logo em seguida, entrar mais pessoas pela porta da casa, e riam dele sem piedade. Eram seus colegas de banda, seus amigos do colégio. Khaleb já estava entrando em desespero, não sabia mais o que fazer. Julgou que estava morto, e estava sendo castigado por ter se matado.

Ficou naquele estado de consciência alterada por alguns instantes até que um senhor vestindo um jaleco branco entrou no quarto e o acordou. Assim, ele voltou à realidade. Pela roupa do senhor, Khaleb julgou ser um médico.

— Como está se sentindo? — perguntou o senhor.

— Estranho, não sei o que está acontecendo comigo. Onde eu estou? Eu estou vivo ou morto?

O senhor olhou firme para ele e disse:

— É um milagre você estar vivo, garoto, você ingeriu quantidades absurdas de medicamento, qualquer corpo mais fraco teria sucumbido à morte, agradeça a Deus por você ainda ter vida.

Khaleb não disse nada. Envergonhado, ficou olhando para o teto. De repente, começou a recordar todos os seus amigos, seus familiares, sua namorada, que agora havia se tornado ex, e um arrependimento nasceu dentro dele. Não sabia quanto tempo havia se passado desde que tentou tirar a sua vida. Sentiu vontade de falar com seus pais. Perguntou para o médico onde estariam.

— Estão vindo, chegam daqui a pouco.

— Doutor, me diga o que aconteceu comigo, há quanto tempo eu estou aqui?

O doutor fez um breve silêncio, e respondeu:

— Três dias. Há três dias você entrou aqui em coma. Imediatamente, foi levado para a UTI e, lá, nós fizemos um esforço hercúleo para você continuar a viver. Você esteve entre a vida e a morte. Garoto, não importa quais sejam os seus problemas, o suicídio nunca será a solução. A vida é o bem mais precioso que nós temos, e existem pessoas que lutam para se manterem vivas, que gostariam de ter ao menos um quinto da vida que você tem, e você está aí querendo jogar a sua fora. Quando eu lhe der alta, que tal nós irmos até a ala onde estão os pacientes em fase terminal de câncer? Diga a eles que você tentou tirar a sua vida, sabe o que eles vão falar? Provavelmente, vão querer que você dê pelo menos uma parte da sua saúde para eles, da sua vitalidade.

O médico chegou mais perto de Khaleb e continuou a falar, olhando em seus olhos:

— Garoto, encare os problemas, você ainda é jovem, tem muito chão para percorrer.

Khaleb sentiu-se comovido pelas palavras do médico, quis chorar, mas não conseguiu, o momento era de dúvidas, de incertezas e medos. Ao menos conseguiu convencer-se de que havia cometido um ato de extrema covardia e estava envergonhado.

O médico retirou-se do quarto, para, logo em seguida, os pais de Khaleb entrarem. Sua mãe, ao vê-lo acordado, correu para abraçá-lo.

— Filho, por que você fez isso? Não nos dê esse susto!

— Desculpe, mãe, eu realmente não deveria ter feito isso... Mãe, me leve ao psiquiatra, eu ouvi dizer que eles não tratam só loucos, pessoas que estão tristes também vão lá. Leve-me, por favor, eu estou precisando, senão, eu vou me matar mãe, por favor, por favor. Khaleb suplicava desesperadamente a ajuda de sua mãe.

A mãe e o pai de Khaleb abraçaram o garoto ainda enfermo e frágil pela quantidade excessiva de medicamentos que havia tomado.

— Nós vamos nos mudar para Brasília assim que você melhorar.

Khaleb levou um susto.

— Por quê?

— Sinto que a nossa vida não está boa aqui no Rio de Janeiro, eu e o seu pai decidimos isso enquanto você estava desacordado, tenho certeza que a nossa qualidade de vida vai melhorar muito por lá.

Khaleb, por um momento, acreditou que essa ideia seria absurda, mas depois que lembrou-se que não havia mais nada a perder, Juliette havia ido embora de sua vida, ele deveria tentar uma vida nova em um lugar novo. Esquecer tudo o que se passou era o que ele queria.

E assim aconteceu. Khaleb recebeu alta do hospital e, no dia seguinte, estava se mudando do Rio de Janeiro. Uma etapa na vida de todos havia se encerrado para que uma nova começasse.

Epílogo

— E assim foi, depois deste episódio eu vim morar aqui em Brasília. Não foi fácil; precisei de muito tempo para superar esta perda. Deixei minha banda de lado, deixei tudo para poder esquecer esse passado. Eu acabei reprovando o terceiro ano, mas, depois disso, o que eu fiz foi me refugiar nos meus livros, nos estudos. Estudei muito para poder fugir do meu passado, que sempre me assombrou, e consegui por muito tempo; veja tudo o que conquistei; mas eu percebi que esse passado sempre bateu em minha porta e eu não queria vê-lo.

Harry estava admirado.

— Nossa, então, foi essa a história que você guardou por todos esses anos?

— Sim, eu nunca fui capaz de contar isso para ninguém.

Harry estava admirado, e quis saber mais.

— Me lembro que você estava sofrendo muito quando se mudou para cá, foi o ano em que nos conhecemos.

— Sim, e já faz vinte e cinco anos que ela se mudou do Rio de Janeiro para Curitiba, mas eu sinto como se fosse ontem... A gente só se falou umas três vezes depois que ela se mudou, soube que passou alguns dias lá no Rio de Janeiro em 1989... Em julho de 1991, ela descobriu meu telefone, não sei como... Nos falamos por horas a fio... Incrível como ela continua sendo fraca com a bebida, ela

passou mal do mesmo jeito que aconteceu no dia do *show* da banda... Contou-me que ficou toda estirada no chão e vomitada, deu pena só de imaginar aquilo.

Harry achou engraçado e perguntou:

— Você ainda pensa nela?

Khaleb olhou para o céu, já escuro, suspirou e respondeu.

— Se eu ainda penso? Meu caro, essa é a coisa que eu mais faço durante os últimos vinte e cinco anos, eu já fui casado duas vezes nesse meio tempo, mas nunca nenhuma outra mulher conseguiu preencher o vazio que a Juliette deixou no meu coração, essa mulher mudou completamente a minha vida, infelizmente, eu só me dei conta do quanto eu a amo agora, depois de fazer inúmeros esforços para esquecê-la e colocá-la no passado. Só agora me dei conta de que a vida passou em um piscar de olhos e, para mim, a sensação é de que foi ontem que eu a vi pela última vez, indo embora naquele carro e eu chegando à minha casa, querendo acabar com a minha vida de qualquer jeito. Como será que ela deve estar hoje? Ela foi uma pessoa muito especial para mim, ela me ensinou muito enquanto esteve comigo e inclusive depois que foi embora da minha vida também, às vezes, eu sinto vontade é voltar o tempo e viver tudo da mesma forma em que eu vivi naquela época, talvez até dar uma continuidade nessa história que nunca acabou dentro de mim.

Harry olhava Khaleb como se soubesse o que o amigo sentia.

— Entendo... E como foi a história dela com o outro cara, o Elias?

— Bom, até onde eu sei, quando ela voltou para Curitiba eles se casaram, ficaram juntos por muito tempo, assumiram de vez a relação, se não me falha a memória, foram dois anos ou dois anos e

meio, mas ele mudou completamente... Pelo que eu soube, o Elias parou de dar valor a ela, passou a beber muito e costumava ficar descontrolado, descobriu que ela havia o traído comigo, traiu-a também várias vezes, não estava nem aí pra ela, só queria mesmo transar... Nossa, foi um relato triste de escutar. Eles viviam terminando e voltando, até que um dia eles terminaram para valer, não me lembro quem terminou, no entanto, passaram muitos anos sem ao menos se olharem.

— Acabou que a vida ensinou a ela a dor de uma traição e de brincar com os sentimentos alheios.

— Ah, é, se ela tivesse escolhido ficar comigo, talvez a história fosse diferente, ou não, nunca se sabe qual teria sido o fim de uma história que não aconteceu, mas uma coisa é certa, ela sentiu na pele três vezes mais a dor que causou em mim. Juntou-se a culpa de eu ter tentado me suicidar por causa dela e a falta de valor que o Elias lhe dava. A vida é a maior escola que existe.

Harry concordou:

— Você tem toda razão. — e mudou de assunto.

— E como você ficou sabendo de tudo isso?

— No dia em que ela me ligou, disse que estava sofrendo muito e me contou tudo, disse também que iria passar uns dias em Brasília, mas não nos encontramos... Ela, como sempre, desapareceu sem dar notícias. Faz alguns anos que não nos falamos e, às vezes, gostaria de saber como ela está.

— Por que não liga para ela, ainda tem o telefone?

— Tenho, mas a gente praticamente perdeu o costume de conversar... Vai ser muito estranho ligar para ela depois de anos e anos e conversarmos como se o tempo não tivesse se passado.

— Ué, ligue para ela, ou mande um *e-mail*.

— É melhor mandar um e-mail ou uma carta, se o endereço dela for o mesmo ainda. Vou pensar melhor sobre isso.

Khaleb achou brilhante a ideia que o Harry lhe dera, naquele mesmo dia, iria mandar um *e-mail* para ela perguntando como estava a vida.

Já passava das seis horas da tarde, estava chovendo, Brasília estava precisando de uma chuva, pois a seca esse ano havia sido de matar. Khaleb foi para a janela e respirou fundo o ar que exalava da terra molhada.

De repente, o celular tocou, era um número desconhecido. Khaleb atendeu:

— Alô?

— E aí, primo.

— Kleberson?

— É... Isso mesmo, tenho uma novidade para você.

Ficou alguns segundos tentando adivinhar o que era, mas não conseguiu identificar.

— Ah, é? O quê?

— Estou te chamando para passar o natal e o ano novo aqui em Jaraguá do Sul, está a fim de vir? A família inteira vai se reunir, depois iremos à Curitiba.

Khaleb aceitou na mesma hora:

— Nossa, é claro que eu vou, me deu até algumas ideias, sua cidade é perto de Curitiba?

— Mais ou menos, temos que andar um bocadinho para chegar até lá.

— Não tem problema, nós vamos para lá de qualquer jeito, quando eu chegar aí, te explico o que é. Um abraço primo, até mais.

Khaleb desligou o telefone, virou-se para o Harry e disse:

— Coincidência, falamos dela a tarde inteira e de repente me surge uma oportunidade de ficar mais perto dela.

— Vai vê-la? Perguntou Harry.

— Sim, eu vou fazer uma surpresa para ela. Ah... como será que ela está? Será que ela se casou?

Harry ficou olhando Khaleb, nunca havia visto o amigo daquele jeito. Parecia até um adolescente apaixonado. Saíram do quarto e foram para a cozinha. Harry pegou uma Coca-Cola, dois copos e tomaram-na acompanhado de um sanduíche de mortadela.

Khaleb terminou de comer e foi em direção ao carro.

— Então, até mais, Khaleb, obrigado pela visita e feliz natal.

Entrou no carro, deu a partida e saiu. Foi para casa pensando nela e pensando em arrumar sua mala, afinal, já estava próximo do fim do ano e o que ele queria fazer era algo que o libertaria de um peso que carregou durante vinte e cinco anos.

Viajou de carro alguns minutos e chegou à sua casa. Estacionou o carro e entrou em casa. Imediatamente, pegou uma mala e pôs algumas roupas. De repente, o telefone tocou.

— Khaleb?

Era sua secretária ao telefone.

— Estou indo viajar amanhã, vou passar alguns dias fora. Desmarque todas as minhas consultas e diga aos meus pacientes que tive que fazer uma viagem a trabalho.

Khaleb desligou o telefone e começou a arrumar a sua mala. Foi colocando roupa por roupa, e, enquanto isso, um texto ia surgindo em sua cabeça, ao mesmo tempo, algumas ideias, sobre as quais se questionava por não tê-las pensado durante todos esses vinte e cinto anos. Foi, então, que ele parou, pegou um papel e uma caneta, sentou-se e deixou que as palavras saíssem de sua mente.

"Juliette, espero que um dia você tenha a oportunidade de entrar em contato com estas palavras, pois elas saem do fundo do meu coração e estão reprimidas desde a última vez em que nos vimos. Espero de todo coração que você sinta a mesma coisa que estou sentindo neste momento.

Eu só queria que você soubesse que, embora tudo aquilo tenha acontecido, eu descobrir que você tinha um namorado quando éramos jovens e tudo o mais, aquilo, por incrível que pareça, não foi suficiente para que eu deixasse de gostar de você, talvez até amar. Eu só gostaria que você soubesse que eu nunca te esqueci, que você foi a pessoa mais especial que eu já conheci e que eu mais amei durante toda a minha vida.

Eu não sei, posso estar exagerando, mas você é o amor da minha vida, a minha verdadeira paixão, a mulher que eu sempre sonhei em ter, mas que o destino não permitiu que eu desfrutasse de tal prazer.

Quando você foi embora, eu pensei comigo mesmo, eu ainda sonho um dia em que nós fiquemos juntos, podem passar dois, cinco, dez, vinte anos, mas eu sempre irei esperar por esse dia, seja de qual forma for. E assim foi, passaram-se mais de vinte anos e eu continuo te amando do mesmo jeito que sempre amei.

Saiba, você foi uma das pessoas mais importantes que já cruzaram o meu caminho, e espero que um dia você pense assim de mim também.

Você está guardada aqui em minha memória e em meu peito. Um dia ainda ficaremos juntos, eu espero, e é justamente por isso que eu estarei saindo daqui de Brasília amanhã e indo para sua cidade te procurar, apenas para perguntar se, depois de todos esses anos, você aceita se casar comigo.

Mas caso assim não aconteça, estas serão minhas últimas linhas, pois já vivi toda a minha vida e não posso mais segurar o seu coração. Eu vivi somente por você, meu coração, minha cicatriz, minha verdade. Se assim não for feito, não poderei mais amar você.

E caso assim aconteça, bem-vinda à minha vida novamente. Ande comigo, cada curva, cada curvatura desse meu solitário passeio que está chegando ao fim. Você sabe o que significou para mim, é tarde para se arrepender de qualquer coisa esta noite, depois do que virou luz. A história pode começar a se reescrever a partir de hoje, apenas com o último suspiro, para o novo dia nascer.

Essas são minhas linhas finais, eu usei de toda a minha criatividade. Esta noite, eu farei duas escolhas. A de te amar para sempre, ou a de nunca mais sentir o seu coração.

Amo-te demais, minha amada.

Khaleb."

O que Khaleb estava planejando fazer era algo que, ao mesmo tempo, o amedrontava e o aliviava. O amedrontava porque não sabia como ela estaria hoje, se ainda se lembrava dele, mas o aliviava porque iria retirar um peso de seu coração que ele guardava por anos, ele iria fazer algo que nunca teve coragem.

Ligou o seu computador e decidiu comprar uma passagem logo para o dia seguinte, pois não poderia perder mais tempo, além do que já havia perdido. Por sorte, havia uma para às duas da tarde. Khaleb comprou a passagem, e depois tentou lembrar-se qual era

mesmo o nome do bairro em que ela vivia. Ao lembrar-se, pesquisou algum hotel que houvesse por perto para se hospedar. Tendo feito isso, ligou para o seu primo Kleberson.

— Eu vou pra Curitiba amanhã mesmo, nos encontraremos lá, então, semana que vem.

— Nossa, mas que rápido, por que, o que você vai fazer lá?

— Vou pedir a mulher da minha vida em casamento, algo que eu deveria ter feito há vinte e cinco anos.

Khaleb e seu primo conversaram sobre isso, e ele contou todos os planos que estava fazendo, considerados precipitados pelo primo. No meio da conversa, havia tido uma ideia:

— Primo, o que você acha de eu escrever um livro falando sobre eu e ela?

Kleberson a princípio estranhou.

— Por quê?

— Eu falei dela para o meu amigo a tarde inteira, e acho que vou escrever.

Os dois caíram na gargalhada e Khaleb decidiu que iria começar a escrever essa madrugada, narrar detalhe por detalhe desde o primeiro dia em que havia conhecido Juliette até o dia de hoje, como se fosse o início de um desabafo, um longo desabafo e que, no final, esperava-se que fosse um final feliz como nos filmes de *Hollywood* e nas novelas. Ele, então, desligou o telefone, pegou um caderno que estava quase totalmente em branco e começou a reviver todos os momentos daquele agitado ano de 1985.

Abriu o *notebook*, colocou-o no colo e ligou. O computador iniciou e ele abriu uma pasta na área de trabalho, que continha

várias fotos deles. Khaleb foi olhando uma por uma. A sensação de nostalgia o dominava por completo.

— É tão estranho ver essas fotos depois de tanto tempo. — pensou Khaleb

Khaleb ria com as lembranças que surgiam em sua mente.

— Incrível como aconteceram coisas incríveis no Rio de Janeiro, mas, ao mesmo tempo, é um lugar que não me traz as melhores recordações. — desabafou Khaleb para si mesmo.

Khaleb ficou meditando e vendo aquelas fotos, como se estivesse falando consigo mesmo.

— Pretendo, quem sabe um dia, casar-me e ter filhos, e quero que você seja a mãe deles, quero ter minha vida com você, porém, dizer isso é complicado na idade em que eu estou, mas quero ir até Curitiba e poder me dar essa oportunidade de sonhar, pelo menos uma última vez. Quem sabe, no futuro, tudo o que eu planejar dará certo. Na verdade, eu deveria ter vergonha de fazer isso só agora, estou sempre encorajando os meus pacientes a enfrentar os seus demônios e eu mesmo não faço isso. Ah, Juliette, você vai ter uma surpresa essa semana, não tenho mais idade para sonhar, tenho que ir atrás do que eu quero, de quem eu amo, é uma oportunidade que eu esperei minha vida toda e, só agora, vou conseguir... Nunca é tarde para começar um sonho.

Khaleb travava um diálogo consigo mesmo, e, ao mesmo tempo, o sono estava chegando a ele. O dia seguinte era véspera de natal e, provavelmente, o aeroporto estaria lotado. Khaleb estava indo para a cama, pois o dia seguinte seria promissor.

— Me desejo boa sorte e boa viagem.

Decidiu que, no dia seguinte, começaria a escrever a história deles, lembrou-se de muitas coisas que estavam esquecidas, do dia

em que se conheceram, de como foram se conhecendo, de como foi o fim, e, assim, Khaleb foi encontrando memórias para escrever o livro.

Khaleb logo pegou no sono para, no dia seguinte, acordar cedo e terminar os preparativos da viagem. Ligou para sua secretária e a orientou de tudo o que gostaria que fosse feito em sua ausência. Chegou ao aeroporto quase ao meio-dia. Entrou pelo portão de embarque, rumo aos seus sonhos e uma sensação de frio na barriga o dominou naquele momento, a mesma sensação que não sentia desde os seus dezoito anos. Despediu-se de sua secretária, que o acompanhou até o portão, com um sincero abraço, para daqui a algumas horas, ou talvez no dia seguinte, estar de volta encontrando-se com sua amada, a única mulher que ele desejou durante uma vida inteira, e fazer o pedido de casamento mais esperado de sua vida.

Esta obra foi **formatada** pelo grupo Menina Veneno para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância. Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos, **por favor, que não hospede o livro em nenhum outro lugar.**

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.